

UNIVERSIDADE TIRADENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E AMBIENTE

**ESTRESSE E *COPING* EM DIVORCIOS COM GUARDA DA
PROLE**

TATIANA TORRES DE VASCONCELOS

ARACAJU
Fevereiro – 2014

UNIVERSIDADE TIRADENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E AMBIENTE

**ESTRESSE E *COPING* EM DIVORCIOS COM GUARDA DA
PROLE**

Exame de dissertação submetido à banca
examinadora como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Mestre em
Saúde e Ambiente, linha de pesquisa em
Ambiente, Desenvolvimento e Saúde.

TATIANA TORRES DE VASCONCELOS

Orientadoras

Marlizete Maldonado Vargas, D.Sc.

Cláudia Moura de Melo, D.Sc.

ARACAJU

Fevereiro – 2014

O AUTOR PERMITE A REPRODUÇÃO DE CÓPIAS OU PARTES DESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SOMENTE PARA PROPÓSITOS ACADÊMICOS E CIENTÍFICOS DESDE QUE A FONTE SEJA CITADA.

V331e Vasconcelos, Tatiana Torres de

Estresse e *coping* em divórcios com guarda da prole / Tatiana Torres de Vasconcelos ; orientação [de] Dr^a Marлизete Maldonado Vargas, Dr^a Cláudia Moura de Melo. – Aracaju : UNIT, 2014.

77 il.: 23cm

Inclui bibliografia.

1.Família. 2. Divórcio. 3. *Stress*. 4. *Coping*. I. Melo, Claudia Moura de. II. Vargas, Marлизete Maldonado. III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU:616-891.4-058.836.2

Ficha catalográfica: Eliane Maria Passos Gomes Mendes CRB/5 1037

ESTRESSE E *COPING* EM DIVORCIOS COM GUARDA DA PROLE

TATIANA TORRES DE VASCONCELOS

EXAME DE DISSERTAÇÃO SUBMETIDO À BANCA EXAMINADORA DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO
PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM SAÚDE E AMBIENTE

Aprovado em ____/____/____ por:

Marlizete Maldonado Vargas, D.Sc.

Orientadora

Claudia Moura de Melo, D.Sc.

Orientadora

Cristiane Costa da Cunha Oliveira, D.Sc.

1ª Examinadora

Lívia Godinho Nery Gomes, D.Sc.

2º Examinadora

Agradeço

Aos Professores e assistentes acadêmicos do Mestrado em Saúde e Ambiente da Unit, em nome do Prof. Ricardo Albuquerque Jr. e de Thayse M. do Nascimento;
À toda a equipe da Defensoria Pública de Sergipe em nome do Dr. Raimundo Veiga;
À população do estudo;
À Cleberson e Valéria, alunos da iniciação científica;
À Cristiane C. da Cunha Oliveira e Lívia Godinho, gratidão e admiração;
Às minhas amadas Julia, Lianna e Ana;
Ao Grupo Ato espontâneo e ao Grupo de formação em Psicodramatista – Didata;
À Tarik pelo aprendizado de vida.
Às orientadoras
Marlizete Maldonado Vargas e Cláudia Moura de Melo.

SUMÁRIO

RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL	12
2.1 DIVÓRCIO E A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA-SITÊMICA	12
2.2 DIVÓRCIO E FATORES RELACIONADOS AO ESTRESSE	17
2.3 ESTRATÉGIAS DE <i>COPING</i> DIANTE DE SITUAÇÕES ESTRESSORAS.....	19
2.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO	25
REFERENCIAS	27
3 MÉTODO	32
3.1 LOCAL DE ESTUDO.....	32
3.2 AMOSTRA.....	32
3.3 VARIÁVEIS ESTUDADAS	32
3.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS.....	33
3.5 PROCEDIMENTOS	33
3.5.1 <i>Coleta de dados:</i>	33
3.5.2 <i>Análise dos dados:</i>	33
3.6 ASPECTOS ÉTICOS.....	34
4 RESULTADOS	35
4.1 ARTIGO 1.....	35
FATORES RELACIONADOS À OCORRÊNCIA DE ESTRESSE EM DIVÓRCIOS	
ENVOLVENDO GUARDA DA PROLE	35
<i>Resumo</i>	35
<i>Abstract</i>	35
<i>Introdução</i>	35
<i>Método</i>	37
<i>Resultados</i>	38
<i>Discussão</i>	43
<i>Considerações Finais</i>	45
<i>Referências</i>	46
4.2 ARTIGO 2.....	49
ESTRATÉGIAS DE <i>COPING</i>, DIVÓRCIO E QUESTÕES DE GÊNERO	49

<i>Resumo</i>	49
<i>Abstract</i>	49
<i>Introdução</i>	50
<i>Método</i>	53
<i>Participantes</i>	53
<i>Instrumento</i>	54
<i>Procedimentos</i>	54
<i>Análises</i>	54
<i>Resultados</i>	54
<i>Discussão</i>	62
<i>Considerações finais</i>	65
<i>Referências</i>	65
5 CONCLUSÃO	68
APÊNDICES E ANEXOS	70
APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	70
APÊNDICE II - ROTEIRO DE ENTREVISTA	71
ANEXO III - PARECER CEP	72
ANEXO IV - NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DA REVISTA ESTUDOS DE PSICOLOGIA PUC/CAMPINAS.....	75
ANEXO V – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO ARTIGO	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Famílias de coping (tradução da autora).	23
Quadro 2. Temas de análise segundo estratégias de <i>coping</i> dos sujeitos. Defensoria Pública/SE. Aracaju, 2014.	59

LISTA DE TABELAS

Artigo 1

Tabela 1. Frequência de estresse no divórcio. Defensoria Pública de Aracaju/SE, 2014.	39
Tabela 2. Razão de chance entre a ocorrência de estresse e as variáveis relacionadas. Pesquisa realizada na Defensoria Pública/SE, 2014.....	39

Artigo 2

Tabela 1. Caracterização da população estudada. Pesquisa realizada na Defensoria pública de Sergipe. Aracaju,2014.	56
Tabela 2. Estressores apontados como as principais dificuldades no casamento e respostas de coping. Pesquisa realizada na Defensoria pública de Sergipe. Aracaju,2014.	57
Tabela 3. Principais motivos para o divórcio e percepção sobre o momento pós divórcio. Pesquisa realizada na Defensoria pública de Sergipe. Aracaju, 2014.	61

RESUMO

ESTRESSE E *COPING* EM DIVORCIOS COM GUARDA DA PROLE

O divórcio é um período de transição que afeta o ciclo de desenvolvimento da família, alterando a configuração e dinâmica familiares. O desafio de reconfiguração relacional aumenta a vulnerabilidade a situações estressoras afetando a saúde dos envolvidos. O objetivo desse estudo foi verificar os níveis, a predominância de sintomas de estresse e os fatores relacionados a sua ocorrência durante o divórcio com guarda da prole e analisar as narrativas mais frequentes sobre as estratégias de coping diante das dificuldades conjugais. Trata-se de pesquisa quanti-qualitativa. Para verificar os níveis e a predominância de sintomas de estresse foi utilizado o Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp – ISSL, para verificar as variáveis relacionadas a sua ocorrência, as dificuldades do casamento e as narrativas de *coping* mais frequentes foi utilizado um roteiro para entrevistas semiestruturadas. A coleta de dados foi realizada na Defensoria Pública de Sergipe, em Aracaju, no período entre Agosto/ 2012 e Maio/ 2013, iniciada após a aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Tiradentes sob o número 110512. A amostra foi selecionada por conveniência, n=78, encerrada por saturação. Foi utilizada estatística descritiva simples e análises bivariadas para verificar os fatores relacionados à ocorrência de estresse. Os resultados mostraram que 71,8% dos participantes apresentaram sintomas de estresse, 51,8% dos entrevistados estavam na fase de resistência e 82,1% dos sujeitos com predominância de sintomas psicológicos; verificou-se que as mulheres têm seis vezes mais chance do que os homens a desenvolverem sintomas de estresse durante o divórcio (OR=6,43; IC=2,58-21,63; p=0,001); observou-se que quanto maior a idade do filho mais velho menor a chance de ocorrência de estresse (OR=0,925; IC=0,86-0,98; p=0,03); e que a situação no mercado de trabalho interfere na ocorrência de estresse ($\chi^2=7,972$; p=0,019). As narrativas sobre *coping* foram categorizadas utilizando o método de análise do conteúdo, verificou-se maior frequência em respostas de “Acomodação”, “Busca de apoio” (família, amigos e religião), “Solução de problemas” e “Oposição”. A pesquisa indica que são necessárias redes de suporte especializado para as famílias antes da separação, auxiliando na prevenção de agravos relacionais mais sérios que prejudicam a saúde física e psicológica dos envolvidos e o exercício saudável da co-parentalidade, tão importante para o desenvolvimento saudável dos filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Família; Divorcio; *Stress*; *Coping*

ABSTRACT

STRESS AND COPING IN DIVORCES WITH GUARD

Divorce is a transition period that affects the family in their developmental cycle by changing the configuration and family dynamics, the challenge of relational reconfiguration increases vulnerability to stressful situations. This study examined the levels of stress, sociodemographic factors, aspects of divorce and marriage related to its occurrence and analyzed the most frequent narratives of coping responses in the face of marital difficulties. This is research quantitative-qualitative, to check levels and the prevalence of symptoms of stress we used the Inventory of Stress Symptoms in Adults - ISSL, to verify the variables related to the occurrence and identify the narratives of coping was used more frequently semistructured interview. Data collection was performed at the Public Defender's subjects who agreed to participate signed an informed consent. The gathering took place in the period between August / 2012 May / 2013 after approval in the Tiradentes University Research Ethics Committee under number 110512. The sample was selected by convenience, $n = 78$, closed by considering a saturation point of collection. The subjects of this study were spontaneously sought the Ombudsman to file for divorce with custody of the offspring. Simple descriptive statistics and bivariate analysis was used to determine the factors related to the occurrence of stress, the results showed that 71.8 % of participants had symptoms of stress, 51.8 % in the resistance and 82.1 % as predominant symptoms psychological, it was found that women are six times more likely than men to develop stress symptoms during divorce (OR = 6.43, CI = 2.58 to 21.63, $p = 0.001$) was observed that the greater the age of the minor oldest son the chance of occurrence of stress (OR = 0.925, CI = 0.86 to 0.98, $p = 0.03$), and that the situation in the labor market interferes with the occurrence of stress ($\chi^2 = 7.972$, $p = 0.019$). Narratives of coping were categorized using the method of content analysis it was found more frequently in answers search of support (family, friends and religion), accommodation, problem solving and opposition. Research indicates that networks are necessary specialized support for families before separation, helping to prevent more serious relational injuries that impair physical and psychological health of those involved and the healthy exercise of parenting is so important for children's development.

KEYWORDS: Family, Divorce, Stress, Coping

1 INTRODUÇÃO

O período de transição familiar requerido pelo divórcio exige ajustes emocionais e na vida prática dos envolvidos (trabalho, sustento econômico, família e amigos) que envolvem aspectos relacionados a co-parentalidade e a reconstrução das individualidades, desafiando o grupo familiar à desenvolver uma nova organização funcional e relacional.

As mudanças e desafios associados ao divórcio inclui a passagem por eventos estressores. No entanto, esse momento pode ser percebido como um caminho para construir relações mais satisfatórias ou como um acontecimento ameaçador que prejudica o desenvolvimento saudável dos membros da família. Nesta perspectiva, algumas pessoas podem desenvolver transtornos emocionais, psicológicos e sociais, como reação à situação.

O contexto em que se deu a separação e as estratégias de *coping* podem ser fatores que facilitam ou dificultam a fase de reorganização funcional da família durante o divórcio. Outro fator importante é a qualidade da comunicação entre os ex-conjuges que reflete a capacidade de elaborar e resignificar os conflitos vividos no casamento e influencia, significativamente, no desenvolvimento da co-parentalidade após a separação.

O aprofundamento teórico e as análises desenvolvidas durante a pesquisa possibilitaram entender que o divórcio é um fenômeno sócio-historicamente situado. A mudança de paradigma em relação à família nuclear intacta para várias formas de arranjos relacionais (famílias monoparentais, homoafetivas) representa um momento de transição social que altera os papéis do homem e da mulher na sociedade em diversos âmbitos, inclusive na família. Para desenvolver teoricamente as análises sobre este aspecto, o primeiro capítulo apresenta reflexões sobre o divórcio e prescrições sociais de gênero.

Percebeu-se ainda que os fatores relacionados ao estresse e às estratégias de *coping* no divórcio fazem parte de uma rede complexa de interações que vão desde as interações simples e imediatas entre as pessoas até o contexto social mais amplo no qual estão inseridas.

Na pesquisa bibliográfica realizada não foram encontrados estudos na literatura nacional sobre a relação entre estresse, estratégias de *coping* e divórcio, o que dificultou desenvolver análises comparativas com pesquisas anteriores considerando aspectos sócio-culturais da realidade brasileira. Porém, traduz a originalidade da pesquisa desenvolvida e o compromisso social da ciência de responder às necessidades da sociedade na atualidade, produzindo tecnologias de cuidado e conhecimento.

Assim para desenvolver as análises e discussões a respeito do objetivo geral: divórcio, estresse e estratégias de *coping* durante o divórcio com guarda da prole, optou-se utilizar a perspectiva ecológico-sistêmica que abrange os diferentes contextos em interação.

Os objetivos específicos desse estudo, por conseguinte, foram: verificar os níveis, a predominância de sintomas de estresse e os fatores relacionados a sua ocorrência durante o divórcio com guarda da prole e analisar as narrativas mais frequentes sobre as estratégias de *coping* diante das dificuldades conjugais.

Portanto, a pesquisa favoreceu o aprofundamento científico sobre a temática, sinalizando os fatores relacionados a ocorrência de estresse no divórcio e as principais estratégias de *coping* utilizadas pela população estudada para o enfrentamento das dificuldades do casamento. A partir dos resultados obtidos foi possível refletir sobre tecnologias de intervenção como programas preventivos de educação conjugal e intervenção através da mediação de conflitos que podem favorecer relações familiares que contribuam para a qualidade de vida individual e do grupo familiar.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

2.1 Divórcio e a perspectiva bioecológica-sitêmica

Ah, se já perdemos a noção da hora/ Se juntos já jogamos tudo fora/ Me conta agora como hei de partir/ Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios/ Rompi com o mundo, queimei meus navios/ Me diz pra onde é que inda posso ir/ Se nós, nas travessuras das noites eternas/ Já confundimos tanto as nossas pernas/ Diz com que pernas eu devo seguir/ Se entornaste a nossa sorte pelo chão/ Se na bagunça do teu coração/ Meu sangue errou de veia e se perdeu/ Como, se na desordem do armário embutido/ Meu paletó enlaça o teu vestido/ E o meu sapato inda pisa no teu/ Como, se nos amamos feito dois pagãos/ Teus seios inda estão nas minhas mãos/ Me explica com que cara eu vou sair/ Não, acho que estás se fazendo de tonta/ Te dei meus olhos pra tomares conta/ Agora conta como hei de partir (JOBIM; BUARQUE, 1980).

Para uma definição contemporânea de família deve-se considerar a opinião dos membros sobre a proximidade afetiva entre eles. Tal critério deve prevalecer à consanguinidade, tempo de convivência ou coabitação (DESSEN, 2010). Segundo Munhoz (2008, p.339) “a família é uma totalidade integrada e interdependente”.

De acordo com o modelo ecológico-sistêmico desenvolvido inicialmente por Bronfenbrenner (1996), a família é um microssistema inserido num macrosistema (ambiente social e cultural) onde aqueles que compõem o sistema familiar são unidades interagindo com outras unidades (MORAIS, 2008). Os indivíduos em relação compartilham a história e o contexto social em constante transformação. As interações ou relações que ocorrem no território da família constroem o seu mapa em termos de permissões, controle, constituindo a geografia do espaço familiar (MINUCHIN; FISHMAN, 1990).

A atenção investigativa desse modelo considera não apenas os ambientes imediatos nos quais a pessoa se encontra, mas também suas interações e transições em ambientes distantes, que não participa diretamente. São considerados quatro níveis ambientais: o microssistema é o nível onde está a pessoa em desenvolvimento; o mesossistema são os ambientes simples e as relações entre eles; o exossistema, são ambientes nos quais a pessoa não participa, mas a afeta; por fim, está a estrutura da sociedade que direciona o esquema de organização de cada tipo de ambiente, chamado de macrosistema (POLETTTO; KOLLER, 2008).

O modelo bioecológico compreende que, assim como ocorre com o indivíduo, a família também passa por etapas desenvolvimentais chamadas de ciclos vitais (MORAIS, 2008; CERVENY; BERTHOUD, 1997; CANO et al., 2009). Cada ciclo representa desafios para o núcleo familiar, como por exemplo: saída de membros (casamento, luto, divórcio), nascimento do primeiro filho, que exigem do grupamento familiar estratégias para a travessia dos momentos de transição ou crise.

A teoria do ciclo vital indica três critérios para definir o ciclo de desenvolvimento familiar: primeiro, mudanças no tamanho da família (entradas e saídas de membros); segundo, mudanças na composição por idades (considera-se a idade do filho maior); terceiro, mudanças na posição profissional da pessoa ou pessoas que sustentam a família. Os momentos de passagem de um ciclo a outro estão associados à ideia de crise, mudança, tensão, decisão, em que a família fica disfuncional (CERVENY; BERTHOUD, 1997).

Cervený e Berthoud (2002) propuseram a divisão do ciclo vital familiar em quatro fases: a primeira é a “Aquisição”, em que se forma a família e nascem os filhos; a segunda é a “Fase Adolescente”, em que os filhos entram na adolescência; na terceira, chamada “Fase Madura” os filhos atingem a idade adulta, entram novos membros na família (genros, noras, netos); e a última, “Fase Última”, caracterizada pelo envelhecimento do casal.

O estudo sobre o ciclo vital em famílias estabeleceu como parâmetro para definir as etapas do ciclo a família nuclear intacta. Porém, atualmente, observam-se variações nas etapas desse ciclo como no caso das famílias após o divórcio e as reconstituídas (AMÂNCIO, 2008). O divórcio é um acontecimento cada vez mais presente na dinâmica social e representa transições significativas, que interferem no ciclo do desenvolvimento familiar (GRZYBOWSKI; WAGNER, 2010; BRITO; CARDOSO; OLIVEIRA, 2010). Segundo Féres-Carneiro (2003) o aumento no número de divórcios não ameaça a formação dos laços sociais de aliança (SARTI, 2004), porém sinaliza que as pessoas, principalmente as mulheres, não aceitam manter uma relação afetiva insatisfatória (FÉRES-CARNEIRO, 2003).

A duração média do casamento segundo Cano, Moré, Gabarra e Crepaldi (2009) é de 10,5 anos e a idade dos sujeitos no momento da separação é maior que 30 anos. Corresponde à segunda fase do ciclo vital familiar, “Fase Adolescente” (CERVENY; BERTHOUD, 2002), nessa fase a família reavalia os seus padrões relacionais, a transição para adolescência dos filhos pode requerer dos pais mudanças estratégicas para lidar com as demandas da prole, renegociar regras e valores familiares, pode ser uma fase de mudança na carreira e nas atividades profissionais dos pais que estão entrando na fase adulta madura. Estudo brasileiro desenvolvido por Zordan, Wagner e Mosmann (2010) também observou o predomínio de separações nesse mesmo período de tempo de casamento 8 a 21 anos (49,3%), seguido pelo período de 0 a 7 anos (29,6%).

O divórcio é processual inicia-se com a pré-decisão, nesse momento um dos cônjuges começa a separação emocional, às vezes sem o conhecimento do outro cônjuge e dos filhos; na segunda fase o desejo de separação é revelado, é considerado o momento de maior desequilíbrio para a família, em muitas situações um dos cônjuges não aceita ou não queria

a separação; no terceiro estágio ocorre a separação concreta, a vulnerabilidade emocional é maior; o quarto estágio requer a renegociação relacional; no quinto estágio o sistema familiar atinge uma nova auto definição (PECK; MANOCHERIAN, 2001).

Para intervir e melhor compreender sobre os diferentes ciclos pelos quais passam as famílias foi desenvolvido o modelo sistêmico de terapia familiar, nas décadas de 1960/ 1970 nos Estados Unidos. Este modelo foi influenciado pela cibernética e pelos estudos sobre os mecanismos de feedback, ou seja, a capacidade de auto regulação dos sistemas. Teve influência da psicologia dinâmica, da fenomenologia existencial e teoria dos sistemas, incorporou ainda conceitos sociais, como questões relacionadas a gênero e a noção de rede social, ou seja, vínculos de pertencimento comunitário dos indivíduos (MUNHOZ, 2008; COSTA, 2010).

A proposta sistêmica considera os organismos vivos como sistemas abertos em interação com o ambiente, em busca de atingir objetivos a partir de suas condições, visa o equilíbrio e se dirige a mudanças. Assim, o surgimento de um sintoma num membro da família pode ter o objetivo de manter a homeostase do grupamento familiar diante da possibilidade de uma mudança, uma forma de resistência à transformação. De acordo com a visão sistêmica:

A família pode ser compreendida, então, como um sistema em relação, que deve ser visto em seu contexto (um sistema em relação com outros sistemas); em sua complexidade (com interações múltiplas e diversas); em sua instabilidade (articulações e mudanças em constante andamento) e em sua intersubjetividade (realidades múltiplas decorrentes de interações) (COSTA, 2010, p 97).

A separação conjugal representa para o grupo familiar um processo psicossocial, no qual após um período estável de composição familiar, os membros passam a viver separadamente. A família é desafiada a uma renegociação relacional, que requer transformações de papéis na estrutura familiar (AMÂNCIO, 2008).

O divórcio pode ser encarado como possibilidade de crescimento da família, ou seja como caminho para relações mais satisfatórias ou como um evento ameaçador, esta perspectiva pode favorecer o aparecimento de doenças associadas, dificuldades emocionais, psicológicas e/ou sociais. O processo de crescimento na família pode se dar em dois sentidos: no desenvolvimento biológico e também no crescimento simbólico, ou seja, no desenvolvimento da capacidade de reelaborar experiências, esta aquisição diz respeito às crianças e aos adultos, isto é, a todos os membros da família. Assim, despertar a potencialidade de se ver em crescimento simbólico pode favorecer à saúde nas relações intrafamiliares (SARTI, 2004).

Durante o processo de separação os envolvidos podem experimentar sentimentos de tristeza, cólera, culpa, rejeição e abandono além de perda econômica. O sofrimento vivido nesse momento pode alcançar a família ampliada como avós, tios. O impacto emocional vivido durante a ruptura pode desencadear algumas dificuldades como o conflito de lealdades (BOLAÑOS, 2002; SEPÚLVEDA; GIL; SEGURA, 2006).

Sousa e Brito (2011) consideram que o afastamento de um dos genitores, geralmente, o pai, e a instabilidade vivida durante o período de divórcio favorecem a aliança entre o genitor (a) guardião (ã) e os filhos, esse fortalecimento pode ocasionar nos filhos sentimentos de insegurança e conflito de lealdades dependendo da forma como os ex-cônjuges se relacionem.

Estudo realizado (HOMEM, 2006, apud AMÂNCIO, 2008) sobre as consequências da separação para o desenvolvimento dos filhos afirma que há uma variedade significativa nas respostas das crianças à situação de separação conjugal que dependem das características individuais, familiares e extrafamiliares de cada uma, que o fator de maior influência não é a separação em si, mas o conflito parental antes e após o processo.

Em pesquisa desenvolvida por Brito, Cardoso e Oliveira (2010) com grupos de pais e mães separados no Rio de Janeiro, os participantes identificaram que o principal tema a ser trabalhado é a distinção entre os aspectos da relação com o ex-cônjuge e o que diz respeito aos filhos, as autoras sinalizaram narrativas que expressam o fato da separação não resolver os conflitos, apenas muda o foco da disputa conjugal para a disputa pelos filhos.

Outros estudos brasileiros (BRITO, 2007; SOUSA, 2010; GRZYBOWSKY; WAGNER, 2010) sobre o divórcio sugerem que é necessário desenvolver serviços de apoio à família pós-divórcio, a fim de facilitar a comunicação saudável dos ex-cônjuges sobre a prole, encontrando arranjos relacionais que priorizem o bem-estar dos filhos diante do complexo processo de mudanças que caracteriza o divórcio.

Estudo desenvolvido por Zordan, Wagner e Mosmann (2009) sobre o perfil dos casais que se divorciam através de pesquisa documental no Fórum de uma cidade do Rio Grande do Sul, revelou que na metade (50,3%) dos casos quem solicitou a separação judicialmente foi a mulher. Identificaram que os conflitos relacionais são as principais causas da separação e pontuaram a necessidade de intervenções preventivas que auxiliem os envolvidos a lidar com a complexidade emocional vivida na própria dinâmica do casamento. O objetivo destas ações não é evitar a separação, mas melhorar a qualidade das relações familiares, inclusive diante da possibilidade de divórcio em que o processo de renegociação relacional requer do casal uma série de ajustes de ordem prática e afetiva que envolve os filhos.

Existem alguns fatores que interferem na capacidade de ajustamento após o fim da conjugalidade como o contexto em que esse fim ocorreu, o ciclo de desenvolvimento familiar em que se deu o rompimento, as condições de vida pós-divórcio, escolaridade e situação econômica (PECK; MANOCHERIAN, 2001).

Em relação ao contexto em que ocorre o divórcio, Amâncio (2008) descreve diferentes fases, cujas características podem interferir nos desdobramentos da separação: casais recém-casados, nesses casos a redefinição de papéis é menos complexa; casais com bebês ou filhos em idade pré-escolar, nesses casos o divórcio não afeta tanto os bebês, mas pode interferir no desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar; em idade escolar os filhos podem perceber o que acontece, mas têm dificuldade de lidar; casais com filhos adolescentes, pode ser mais difícil estabelecer uma relação satisfatória com os filhos; em famílias lançadoras, a saída dos filhos e a chegada de novos membros pode requerer a reestruturação da relação; e divórcio tardio, nessa fase a separação pode sobrecarregar os filhos que se sintam na responsabilidade de dar continência afetiva aos pais.

Os recursos que podem ajudar na recuperação das famílias no processo de divórcio são: recursos econômicos, recursos parentais e recursos da comunidade. Um outro recurso é o sentido de coerência da família, diz respeito à capacidade de compreensão, gestão (recursos para responder às exigências impostas pelo ambiente) e investimento (capacidade de empenho do indivíduo diante dos desafios) do indivíduo frente a crise (AMÂNCIO, 2008).

Wagner e Mosmann (2011) defendem que educar para a conjugalidade é uma estratégia preventiva, apresentam dois tipos de programas os “pré-nupciais”, visam preparar os noivos para a convivência e os “conjugais”, visam prestar assistência aos casais durante os primeiros cinco anos de casamento. “O foco é instrumentalizar os casais para não chegarem a níveis de necessidade de uma intervenção terapêutica” (WAGNER; MOSMANN, 2011, p.264).

Outra estratégia descrita na literatura (SHABELL, 2005; VASCONCELOS, 2008) é a mediação de conflitos. Este método pode ser utilizado nos casos em que o conflito já foi instalado, é uma estratégia que visa colaborar para que os envolvidos modifiquem as suas atitudes diante dos conflitos e possam estabelecer uma comunicação construtiva.

2.2 Divórcio e fatores relacionados ao estresse

Quando você me deixou, meu bem/ Me disse pra ser feliz e passar bem/ Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci/ Mas depois, como era de costume, obedeci/ Quando você me quiser rever/ Já vai me encontrar refeita, pode crer/ Olhos nos olhos, quero ver o que você faz/ Ao sentir que sem você eu passo bem demais/ E que venho até remoçando/ Me pego cantando/ Sem mais, nem porque/ E tantas águas rolaram/ Quantos homens me amaram/ Bem mais e melhor que você/ Quando talvez precisar de mim/ 'Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim/ Olhos nos olhos, quero ver o que você diz/ Quero ver como suporta me ver tão feliz (BUARQUE)¹.

O interesse das ciências humanas, sociais e biológicas pelo estudo sobre o estresse tem por finalidade expandir o conhecimento sobre a aflição emocional, doenças físicas e psicológicas a ele relacionadas e assim contribuir para a qualidade de vida das pessoas. Tem-se buscado alternativas para preveni-lo, eliminá-lo, maneja-lo, ou conviver com ele. O que motiva e legitima as pesquisas atuais sobre este tema (estresse) é o fato de que se reconhece sua estreita relação com a saúde social, física e psicológica de todas as pessoas (LAZARUS, 1999).

O estresse é definido “como uma reação do organismo, com componentes físicos e/ou psicológicos, desencadeada pelas alterações psicofisiológicas que ocorrem quando a pessoa se confronta com uma situação que a irrite, amedronte, excite ou confunda, ou mesmo que a faça imensamente feliz” (LIPP, 1996, apud JUSTO; LIPP, 2010, p.364). Esta reação pode ser desencadeada por estressores internos ou externos.

Para Justo e Lipp (2010), os estressores internos são fatores psicológicos, como: “cognições distorcidas, modo de ver o mundo, nível de assertividade, crenças, valores, padrão de comportamento, vulnerabilidades, ansiedade, esquemas de reação à vida, expectativas irrealistas e perfeccionismo”. Os estressores externos são aqueles que ocorrem no ambiente externo à própria pessoa, mas que a afetam de algum modo.

O vocábulo “estresse” tem origem no latim *stringere*, que significa apertar, cerrar, comprimir (SILVA; ANDRADE; PEREIRA; SILVA., 2010; ABREU, STOLL, RAMOS, BAUMGARDT ; KRISTENSEN, 2002). O termo passou a ser utilizado na área da saúde em 1926 por Hans Selye, para designar o estado de saúde de pessoas que apresentavam “doenças físicas” associadas a queixas como “fadiga, hipertensão, desânimo e falta de apetite”. A partir de 1936 Seyle passou a utilizar o termo “*stress*” como uma “síndrome geral de adaptação” (LIPP; PEREIRA; SADIR, 2005), em 1974 Seyle definiu estresse como uma

¹ BUARQUE, C. **Olhos nos olhos**. Cara Nova Editora Musical Ltda, 1976. Acesso em: Julho/2013. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/olhos-nos-olhos.html>

resposta do organismo não específica, mas que o debilita, tornando-o mais vulnerável ao adoecimento.

Abreu et al. (2002) atribuem a Seyle em 1936 a primeira definição de estresse “como sendo, essencialmente, o grau de desgaste total causado pela vida”, porém afirmam que o vocábulo já era utilizado no século XVII pela física para se referir a uma quantidade de carga que afeta a estrutura de uma matéria. Há formas diferentes de conceitua-lo, “pode ser definido como uma adaptação inadequada à mudança imposta pela situação externa, uma tentativa frustrada de lidar com os problemas” (HELMAN, 1994, apud ABREU e col, 2002), e também pode descrever uma situação onde há experiência de muita tensão (LIPP; ROCHA, 1994, apud ABREU et al, 2002).

Lazarus (1999) contextualiza que as pesquisas sobre estresse nos Estados Unidos foram fortemente influenciadas pelo pós-guerra, em decorrência do grande número de soldados que desenvolveram doenças associadas ao estresse como ansiedade severa, aflição emocional debilitante e outras desordens mentais graves. Essas pesquisas observaram que apesar de alguns serem mais vulneráveis que outros, ao longo da exposição das situações da guerra havia uma probabilidade maior de desenvolver desordens emocionais.

Diante da diversidade de possibilidades conceituais, Lazarus (1993, citado por ABREU et al., 2002) descreve 4 pressupostos a serem considerados: 1) um agente causal interno ou externo que pode ser denominado de estressor; 2) uma avaliação que diferencia tipos de estresse (dano, ameaça e desafio); 3) os processos de *coping* utilizados para lidar com os estressores; e 4) um padrão complexo de efeitos na mente ou no corpo, frequentemente referido como reação de estresse.

No modelo quadrifásico de estresse proposto por Lipp (2000) os sintomas de estresse podem ser classificados em quatro fases: a primeira é a fase de alerta, inicia-se o processo psicofisiológico de resposta aos estressores; a segunda é a fase de resistência, na qual o sujeito está lidando com os estressores para manter a homeostase interna; a terceira é a fase de quase-exaustão, em que o adoecimento se inicia e os órgãos mais vulneráveis começam a demonstrar sinais de deterioração; a última é a fase de exaustão, nesta o adoecimento físico e/ou mental foi instalado .

O estresse envolve: um agente causal que pode ser interno (fatores psicológicos) ou externo (fatores ambientais); a avaliação cognitiva sobre a situação (o dano, a ameaça e o desafio); as respostas de *coping*; e a reação ao estresse, que se caracteriza por alterações psicofisiológicas, desencadeadas por diferentes situações agradáveis ou desagradáveis (JUSTO; LIPP, 2010; ABREU et al., 2002).

O estresse ocorre quando a avaliação cognitiva sobre uma determinada situação exige do sujeito recursos pessoais acima do que é capaz de acessar para lidar com o contexto em que está inserido. A avaliação é o significado pessoal (crenças, valores, objetivos) que se dá a um acontecimento, ela exerce influência sobre os recursos pessoais (físicos, psicológicos, materiais e espirituais) para lidar com a situação (FOLKMAN, 2013). A força afetiva se expressa no corpo de modo complexo, motivando tendências de ação ou comportamentos e também alterações fisiológicas (ROCHA; KASTRUP, 2009).

Sentimentos vividos nos momentos de dificuldades conjugais podem estar presentes no divórcio, como: raiva, ciúme, medo, tristeza, frustração, perda, mágoa, menos-valia, são estados afetivos que favorecem ao estresse e que estão relacionados ao modo como a pessoa avalia ou interpreta os acontecimentos vividos (LIPP, 2013).

A guarda da prole pode ser um dos maiores desafios para a reconfiguração dos arranjos relacionais familiares no divórcio. Estudos (WAGNER; GRZYBOWSKI, 2010; SOUSA; BRITO, 2011) mostram que na realidade brasileira, as mulheres são, na maioria dos casos, as detentoras da guarda dos filhos após a separação conjugal. Percebe-se que esse pode ser um fator potencial de estresse na medida em que desafia a capacidade de comunicação dos adultos em relação à prole e sobrecarrega as mulheres com a responsabilidade de prover os filhos de suporte afetivo, social e econômico.

Por outro lado, o gênero é descrito como um fator relacionado à ocorrência de estresse. Tem sido mais observado entre as mulheres adultas e mais jovens, na faixa etária de 17 e 20 anos (CAIRES; SILVA, 2011), e não só entre as brasileiras (LIPP, 2000), mas também europeias (AMÂNCIO, 2008). Estudo desenvolvido por Wottrich, Ávila, Machado, Goldmeier, Dillenburg, Kuhl, Irigoyen, Rigatto e Ruschel (2011) sobre a relação entre sexo e estresse em hipertensos observou que os homens (66,6%) estavam predominantemente na fase de resistência, enquanto as mulheres (41,4% e 15,2% dos homens) apresentaram escores elevados na fase de quase exaustão.

Estudo realizado por Amâncio (2008) verificou, em relação ao estresse em famílias pós-divórcio, que a maioria identifica a situação de divórcio como estressante, porém em poucos anos há adaptação à nova realidade da família.

2.3 Estratégias de *Coping* diante de situações estressoras

Quando olhaste bem nos olhos meus/ E o teu olhar era de adeus/ Juro que não acreditei/ Eu te estranhei/ Me debrucei/ Sobre teu corpo e duvidei/ E me arrastei e te arranhei/ E me agarrei nos teus cabelos/ No teu peito/ Teu pijama/ Nos teus pés/ Ao pé da cama/ Sem carinho, sem cobertura/ No tapete atrás da porta/ Reclamei baixinho/ Dei pra maldizer o nosso lar/ Pra sujar teu nome, te

O conceito de coping tem sido objeto de estudo de diversas áreas de conhecimento. Para a sociologia esse constructo se refere à adaptação social a situações de crise. Para a biologia, a adaptação dos organismos vivos a agentes danosos. Para a psicologia, esse conceito tem sido usado para compreender a adaptação dos sujeitos às fases desenvolvimentais e às situações estressoras (NUNES; NASCIMENTO, 2010). Os estudos de Lazarus e Folkman (1984) são citados por diversas pesquisas (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO; BANDEIRA, 1998; NUNES; NASCIMENTO, 2010; CRAVER; CONNOR-SMITH, 2010) considerados referência na investigação sobre *coping*.

A literatura e a pesquisa sobre *coping* aparecem em duas linhas diferentes: psicologia experimental e na psicologia do ego. Na primeira linha, o *coping* consiste em aprender respostas comportamentais que neutralizem um perigo ou uma condição nociva. Na segunda linha, psicologia do ego, o *coping* é definido como atos e pensamentos realistas e flexíveis que solucionem problemas e assim reduzam o estresse. A diferença entre estas linhas de teoria e pesquisa está na maneira de pensar e perceber o relacionamento da pessoa com o ambiente, a psicologia do ego não desconsidera o comportamento, mas este é menos importante do que a cognição (LAZARUS; FOLKMAN, 1984).

As estratégias de enfrentamento ou *coping* são processos cognitivos, afetivos e comportamentais desenvolvidos por indivíduos ou famílias para o manejo de situações estressoras. O *coping* é definido ainda como a forma com a qual a pessoa lida com uma situação de estresse psicológico, que desafia seu bem estar e que não sabe como resolver (FOLKMAN, 2010).

Antoniazzi; Dell'Aglio; Bandeira (1998) descrevem diferenças entre estilos de *coping* e estratégias de *coping*, o primeiro está relacionado às características de personalidade da pessoa que influenciam as suas reações em situações de adversidade. As estratégias de *coping* são os comportamentos das pessoas diante do estresse.

As pessoas respondem à percepção de dano, ameaça e perda de diversas maneiras, a palavra *coping* se refere a essas respostas de enfrentamento que envolvem os esforços para prevenir ou diminuir ameaça, danos e/ou perda, bem como para reduzir o desconforto associado às tais situações. O conceito de *coping* pode estar relacionado a respostas

² BUARQUE, C. *Atrás da Porta*. Cara Nova Editora Musical Ltda. 1972. Disponível em: < <http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/atras-da-porta.html>>. Acesso em: jul. 2013.

voluntárias, e também a respostas automáticas e involuntárias de enfrentamento. Distinguir entre respostas voluntárias e involuntárias ao estresse não é simples, na verdade, uma vez que as respostas podem ser iniciadas intencionalmente e tornarem-se automáticas com repetição. O estudo sobre as respostas de *coping* se limitam ao que conscientemente reconhecido pelo sujeito, desconsiderando reações de defesa inconscientes (CRAVER; CONNOR-SMITH, 2010).

As estratégias de enfrentamento podem ocorrer com o **foco no problema**. O enfrentamento focalizado no problema está direcionado ao estressor em si: medidas para removê-lo ou evitá-lo, ou para diminuir o seu impacto se não puder ser evitado (CRAVER; CONNOR-SMITH, 2010). O objetivo é modificar a forma como a pessoa se relaciona com o ambiente em sua volta, através da identificação do problema e do desenvolvimento de estratégias para modificar a situação estressora (DORES, 2008).

O enfrentamento com o **foco emocional** visa minimizar a angústia desencadeada por estressores: *self-soothing* (relaxamento, busca de apoio emocional), a expressão de emoção negativa (gritando, chorando), pensamentos negativos (ruminação mental), tentativas de escapar de situações estressoras: negação, evitação (CRAVER; CONNOR-SMITH, 2010). Algumas estratégias focadas nas emoções podem ser: descarregar a raiva e frustração, buscar o apoio de outros e os aspectos positivos nos acontecimentos negativos (DORES, 2008).

Os focos no problema e na emoção podem facilitar um ao outro. O foco no problema diminui a ameaça, ao tempo que diminui a angústia gerada por essa ameaça. O enfrentamento focalizado na emoção diminui angústia, tornando possível considerar o problema com mais calma, talvez rendendo melhor enfrentamento focado no problema. Esta inter-relação sugere que foco no problema é complementar ao foco emocional e vice-versa (CRAVER; CONNOR-SMITH, 2010).

Segundo Dorez (2008) o *coping* com foco emocional pode envolver estratégias de evitação, também chamadas de ***coping repressivo***, por exemplo: procurar divertimento social, recusar-se a falar sobre ou minimizar os acontecimentos relacionados ao estresse, evitar a situação estressante. O *coping repressivo* é descrito como um empobrecimento da saúde mental e que pode ter consequências negativas à saúde.

Outro grupo de estratégias de enfrentamento descrito por Dorez (2008): ***coping com foco no significado***. Tem por objetivo desenvolver estratégias cognitivas para diminuir a incongruência entre o sentido atribuído a uma situação estressora e as crenças e objetivos pessoais. Caso não ocorra essa integração entre a situação e as crenças e objetivos pode

ocorrer a ruminação ou ***coping* ruminativo** que se caracteriza pelo foco constante e passivo em relação a emoções e sintomas negativos.

O ***coping* religioso** tem sido considerado um grupo significativo de estratégias de enfrentamento, o apoio espiritual tem aparecido como força para superar acontecimentos desafiadores (DORES, 2008).

As estratégias de enfrentamento também podem ocorrer de dois modos: **envolvimento** ou **não envolvimento**. Na resposta de envolvimento o sujeito lida diretamente com o estressor ou com a emoção de angústia a ele relacionada, já a resposta de não envolvimento ou evitação (*avoidance*) visa escapar de lidar com o estressor causador da angústia.

O enfrentamento baseado no envolvimento inclui o foco no problema e algumas formas de foco nas emoções: busca de apoio, regulação emocional, aceitação e reestruturação cognitiva. Já o enfrentamento baseado no não envolvimento inclui: prevenção, a negação e *wishful thinking* (pensamento fantasioso, como a pessoa gostaria ou desejaria que fosse), está frequentemente com o foco na emoção porque envolve uma tentativa de fuga de sentimentos de angústia, representa, em algumas situações, um esforço para agir como se o estressor não existisse. *Wishful thinking* e a fantasia visam distanciar a pessoa do estressor, pelo menos temporariamente, essa negação cria uma fronteira entre a realidade e a experiência pessoal.

Apesar de escapar da angústia, a estratégia de não envolvimento, é ineficaz na redução do perigo em longo prazo. A evitação e negação do problema também pode promover o aumento de pensamentos sobre o estressor e um aumento no humor negativo e ansiedade. Finalmente, alguns tipos de fuga ou não envolvimento tem consequências, como por exemplo: o uso excessivo de álcool ou drogas pode criar problemas sociais e de saúde, compras ou jogo como um escape pode criar problemas financeiros. O conceito de estratégia de não envolvimento tem se estendido para incluir metas de renúncia ao estressor ameaçador (CRAVER; CONNOR-SMITH, 2010).

Estratégias de enfrentamento relacionadas ao **ajustamento**. A acomodação visa a adaptação ou o ajuste aos efeitos do estressor. As tentativas de controle do estressor por ele mesmo são chamadas de controle primário, as tentativas de se adaptar ou se ajustar ao estressor são chamadas de acomodação ou controle secundário de enfrentamento. A noção de acomodação está relacionada à concepção do processo de sucesso na experiência ao longo do tempo. A acomodação se refere a respostas como a aceitação, reestruturação cognitiva e estabelecimento de metas diante da insuperável interferência do estressor.

Craver; Connor-Smith (2010) indicam estratégias de enfrentamento chamadas de **Enfrentamento Pró-ativo**. Significa que algumas respostas de enfrentamento ocorrem de forma pró-ativa, ou seja, antes do surgimento de qualquer estressor. Destina-se a impedir que a ameaça ou situações prejudiciais surjam. É uma estratégia com foco no problema; envolve o acúmulo de recursos que serão úteis diante do surgimento de uma ameaça. Se uma ameaça é percebida no início a pessoa pode desenvolver estratégias que impeçam o crescimento da ameaça. A previsão de uma ameaça ajuda a pessoa a evitá-la e, conseqüentemente, diminuir a exposição a eventos estressantes. Diante de experiências inevitáveis o estresse vem em menor intensidade.

Diante das diferentes possibilidades de classificação das estratégias de *coping*, do emaranhado teórico que se forma das múltiplas possibilidades de classificação, foi utilizado como fundamento para as análises desenvolvidas nesse estudo o modelo de “famílias de *coping*” desenvolvido por Skinner; Edge; Altman; Sherwood (2003, p.245) apresentado no Quadro 1. Esse modelo adaptativo busca classificar as estratégias utilizadas pelas pessoas para lidar com situações de estresse. As autoras desenvolveram esse modelo a partir de análises realizadas sobre pesquisas relacionadas ao tema ao longo dos últimos 20 anos. Verificaram um excesso de constructos e diversos sistemas de classificação. Skinner et. al (2003) sinalizam que o desacordo sobre um sistema de classificação unificado prejudica do ponto de vista metodológico as pesquisas sobre *coping*.

Em relação à pesquisa bibliográfica sobre o tema verificou-se na literatura nacional a escassez de estudos sobre estratégias de *coping* e dificuldades no casamento, o que explica a dificuldade de discutir os resultados encontrados sobre as narrativas de coping a partir de estudos anteriores, considerando aspectos sócio-culturais da realidade brasileira.

Amâncio (2008) em pesquisa sobre *coping* familiar em famílias pós-divórcio e reconstituídas, na população portuguesa, observou que as primeiras (famílias pós-divórcio) apresentam um valor mais elevado de *coping* familiar, busca de apoio social (as fontes de apoio foram a família de origem, apoio extrafamiliar como amigos), apoio espiritual (fé religiosa, crença, esperança) e avaliação passiva. A busca de apoio social foi mais elevada em pessoas mais velhas.

Quadro 1. Famílias de coping (tradução da autora).

Famílias de <i>coping</i>	Função da família dentro do processo adaptativo	Processo adaptativo	Outras implicações
Solução de problemas: planejamento estratégico	Ajustar e tornar as ações eficazes.	Coordenar as ações e contingências no ambiente	Eficácia, domínio

Procura de informações: ler, observar, perguntar aos outros.	Encontrar contingências adicionais.		Curiosidade, interesse
Perda da esperança: confusão, interferência cognitiva, exaustão cognitiva.	Encontrar limites para as ações		Desamparo, culpa
Fuga: evitação, desmentindo, pensamento fantasioso.	Não encontrar contingências para escapar do problema		Voar, medo
Autoconfiança: regulação emocional, comportamento de regulação, expressão emocional, aproximação emocional	avaliação dos recursos sociais de proteção		Tendem amizade, orgulho
Busca de apoio: busca de contato, busca de apoio, ajuda especializada, apoio espiritual	Utilizar a avaliação dos recursos sociais Desafio	Coordenar confiança e os recursos sociais disponíveis	Proximidade e busca, anseio, outra aliança
Delegação: busca de ajuda mal-adaptativa, queixando-se, choramingando, pena de si mesmo	Encontrar as limitações dos recursos		Pena de si mesmo, vergonha
Isolamento: retraimento social, encobrimento, evitando os outros	Retirar-se de um contexto desfavorável		Frieza, tristeza
Acomodação: distração, reestruturação cognitiva, minimização, aceitação	Flexibilidade para ajustar as preferências às opções	Coordenar as preferências e opções disponíveis	Controle secundário
Negociação: barganhando, persuadindo, definição de prioridades	Encontrar novas opções		Compromisso
Submissão: ruminação, rigidez perseverante, pensamentos intrusivos	Desistir das preferências		Desgosto, rigidez
Oposição: culpar os outros, projeção, agressão	Eliminar restrições		Ficar e lutar, raiva, desafio

Fonte: Skinner, Edge, Altman, Sherwood (2003, p.245).

Quanto ao gênero foi observado por Amâncio (2008) que os homens apresentaram resultados menores na estratégia de reenquadramento, ou seja, há uma tendência menor entre os homens a definir o estresse familiar no divórcio como um período de desafio que pode ser ultrapassado. Quanto ao nível socioeconômico foi verificado indivíduos de menor renda apresentam valores baixos de reenquadramento e altos de apoio espiritual.

2.4 Análise de conteúdo³

Já lhe dei meu corpo, minha alegria/ Já estanquei meu sangue quando fervia/ Olha a voz que me resta/ Olha a veia que salta/ Olha a gota que falta pro desfecho da festa/ Por favor/ Deixe em paz meu coração/ Que ele é um pote até aqui de mágoa/ E qualquer desatenção, faça não/ Pode ser a gota d'água (BUARQUE)⁴.

O método de análise de conteúdo “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2011, p.37), através da técnica de descrição analítica é possível dar um tratamento à informação contida nas mensagens de um emissor para um receptor. O analista irá decodificar a informação recebida reduzindo-a a categorias de conceitos que possibilitem compreender as informações transmitidas pelos atores sociais num determinado contexto (CHIZZOTTI, 2006).

A técnica de análise de conteúdo favorece apurar descrições de conteúdo subjetivas para evidenciar objetivamente as informações obtidas. De acordo com Bardin (2011) o analista irá delimitar as “unidades de codificação”. Quando necessário, pela ambiguidade dos sentidos do conteúdo, o analista pode criar unidades mais amplas que abracem diferentes unidades de codificação, a esse procedimento chama-se análise categorial.

Os objetivos constituem as variáveis do sistema categorial de análise, através do qual foram extraídos os elementos que emergem do discurso dos sujeitos da pesquisa. A análise categorial funciona por operações de divisão do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Existem três momentos cronológicos para análise do conteúdo (MARCONI; LAKATOS, 2011): 1) especificação dos objetivos da pesquisa; 2) elaboração de indicadores; 3) eleição do que será analisado.

Nessa pesquisa as famílias de *coping* de Skinner et. al.(2003) foram utilizadas como categorias mais amplas, unidades de contexto que incluíam as unidades de codificação, ou seja, as narrativas dos sujeitos, codificadas e registradas pelos entrevistadores. Desse modo foram analisados os resultados apresentados no capítulo 4, item 4.2. As narrativas sobre estratégias de coping foram obtidas através da técnica de entrevista semiestruturada (PÁDUA, 2004), esta técnica é um método de investigação qualitativa (MARCONI; LAKATOS, 2011), com aplicação focalizada, ou seja, foi utilizado um roteiro com tópicos relativos ao problema a ser estudado. No momento em que as narrativas não ofereciam elementos novos

³ Descrição do método utilizado para tratamento dos dados qualitativos.

⁴ BUARQUE, C. **Gota D'Água**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/gota-dagua.html>>. Acesso em: jul. 2013.

para a pesquisa foi considerado um ponto de saturação da coleta e esta foi encerrada (FONTANELLA; LUCHESI; SAIDEL; RICAS; TURATO; MELO, 2011).

REFERENCIAS

ABREU, K. L.; STOLL, I.; RAMOS, L. S.; BAUMGARDT, R. A.; KRISTENSEN, C. H. Estresse ocupacional e Síndrome de Burnout no exercício profissional da psicologia. Psicologia ciência profissão, 22(2), 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932002000200004&script=sci_arttext&lng=e>. Acesso em: set. 2012

ANTON, I. L. C. Relacionamentos descartáveis. In: OSÓRIO, L.C.; VALLE, M.E.P. de. Manual de Terapia Familiar Volume II. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D.D.; BANDEIRA, D.R. O conceito de coping: uma revisão teórica. Estudos de Psicologia, 3(2), 1998.

AMÂNCIO, A.V.C. Stress Familiar, Estratégias de Coping e Percepção da Qualidade de Vida em Famílias Pós-Divórcio e Famílias Reconstruídas. Portugal, 2008. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

BAUMAN, Z. Amor Líquido: sobre a fragilidade os laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. Vida líquida. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOLAÑOS, I. El Síndrome de Alienación Parental, Descripción y Abordajes Psico-legales. Psicopatología Clínica, Legal y Forense, 2,(3), 2002. Disponível em: <<http://masterforense.com/pdf/2002/2002art15.pdf>>. Acesso em: jul. 2013.

BRITO, L. M. T. Família Pós-Divórcio: a visão dos filhos. Psicologia Ciência e Profissão, 27(1), 32-45, 2007.

BRITO, L.M.T.de; CARDOSO, A.R.; OLIVEIRA, J.D.G. de. Debates entre Pais e Mães Divorciados: Um Trabalho com Grupos. Psicologia Ciência e Profissão, 30 (4), 2010.

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Arte Médicas, 1996.

CAIRES, S.; SILVA, C. Fatores de stress e estratégias de coping entre adolescentes no 12º ano de escolaridade. Estudos de Psicologia, 28(3), 2011.

CANO, D.S.; GABARRA, L.M.; MORÉ, C.O.; CREPALDI, M.A. As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 22(2), 2009.

CARVER, C. S.; CONNOR-SMITH, J. Personality and Coping. *Annu Rev. Psychol.* 61: 679-704, 2010. Disponível em: <www.annualreviews.org>. Acesso em: fev. 2013.

CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. Família e Ciclo Vital: a nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CERVENY, C. M.; BERTHOUD, C. M. E. Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em Ciências humanas e sociais. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

COSTA, L. F. A Perspectiva Sistêmica para a Clínica da Família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 26 (especial), 2010.

DEMO, P. Introdução à Metodologia da Ciência. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

DESSEN, M. A. Estudando a Família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia Ciência e Profissão*, Universidade de Brasília, 30, 202 – 219, 2010.

DORES, M. S. A morte: percepção das estratégias de coping familiares e da qualidade de vida familiar em sujeitos que experienciaram a perda de uma pessoa significativa no último ano. Portugal, 2008. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Separação: O Doloroso Processo de Dissolução da Conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 2003.

FONTANELLA, B.J.B.; LUCHESI, B. M.; SAIDEL, M. G. B.; RICAS, J.; TURATO E. R.; MELO, D. G. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(2), 2011.

FOLKMAN, S. Stress, coping and hope. Psychological aspects of cancer, 119-127, 2010. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pon.1836/pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GRZYBOWSKI, L. S.; WAGNER, A. O envolvimento parental após a separação/divórcio. Psicologia Reflexão e Crítica, 23(2), 2010.

JUSTO, A. P.; LIPP, M. E. N. A influência do estilo parental no stress do adolescente. Boletim Academia Paulista de Psicologia, 30(79), 2010. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=94615412010>>. Acesso em: ago. 2013.

LAZARUS, R.S.; FOLKMAN, S. Stress, appraisal and coping. New York: Springer Publishing company; 1984.

LAZARUS, R. S. Stress and Emotion: a new synthesis. New York: Springer Publishing Company, 1999.

LIPP, M. N. Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LIPP, M.E.N. O stress está dentro de você. São Paulo: Contexto, 2013.

LIPP, M. E. N.; PEREIRA, M. B.; SADIR, M. A. Crenças irracionais como fontes internas de stress emocional. Revista brasileira de Terapia Cognitiva, 1(1), 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872005000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: fev. 2014.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2011.

MCGOLDRICK, M. As Mulheres e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para terapia familiar (2a ed). Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

MINUCHIN, S.; FISHMAN, H.C. Técnicas de Terapia Familiar. Tradução de Claudine Kinsch e Maria Eugênia F.R. Maia. Porto Alegre: ArtMed, 1990.

MORAIS, T. Das Famílias Lançadoras” ao “Ninho Vazio” – percepção dos pais do Stress, Coping e Qualidade de Vida Familiar: um estudo exploratório. Portugal, 2008. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação..

MUNHOZ, M.L.P. Estudo Longitudinal sobre “Diferenciação de si mesmo” nas Relações Conjugais. In: MACEDO, R.M. Terapia Familiar no Brasil na última década. São Paulo: Roca, 2008.

NUNES, C.M.; NASCIMENTO, S. O conceito de enfrentamento e a sua relevância na prática da psiconcologia. Encontro: revista de psicologia, 13(19), 2010. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rencp/article/view/1272/1238>> Acesso em: jul. 2010.

PÁDUA, E. M. M. de. Metodologia da Pesquisa Qualitativa: abordagem teórico-prática. 11 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004.

PECK, J. S.; MANOCHERIAN, J. O Divórcio nas Mudanças do Ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no Ciclo de Vida familiar: uma estrutura para terapia familiar. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

POLETO, M.; KOLLER, S. H. Contextos Ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. Estudos de Psicologia, 25(3), 2008.

ROCHA, J. M.; KASTRUP, V. Cognição e emoção na dinâmica da dobra afetiva. Psicologia em Estudo, 14(2), 2009.

ROLNIK, S; GUATTARI, F. Micropolítica: cartografias do desejo. 7 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

SANTOS, M. L. V. A. dos. Abordagem sistémica do cuidado à família: impacto no desempenho profissional do enfermeiro. Tese de doutoramento em enfermagem, Faculdade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6979/1/ulsd_re1182_td.pdf>. Acesso em: out. 2012.

SARTI, C. A. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (org). Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2004.

SEPÚLVEDA, M.; GIL, M.; SEGURA, C. El Síndrome de Alienación Parental: una forma de maltrato Infantil. Cuad Med Forense, 12 (43-44), Enero-Abril, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4321/S1135-76062006000100009>>. Acesso em Julho de 2013.

SHABBEL, M. Relações familiares na separação conjugal: contribuições da mediação. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 7(1), 13 – 20, 2005. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1023>>. Acesso em: 31 jan.2014.

SILVA, J.; ANDRADE, L. A. F.; PEREIRA, L. C. L.; SILVA, P. R. B. Estresse e fatores de risco para a hipertensão arterial entre docentes de uma escola estadual de Niterói, RJ. Revista de Enfermagem, 4(3):1, 2010.

SKINNER, E., EDGE, K., ALTMAN, J., & SHERWOOD, H. Searching for the structure of coping: A review and critique of category systems for classifying ways of coping. Psychological Bulletin, 129 (2), 2003.

SOUSA, A. M. Síndrome de Alienação Parental: Novo tema nos juízos de família. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA, A. M.; BRITO, L. M. T. Síndrome da Alienação Parental: da Teoria Norte-Americana à nova Lei Brasileira. Psicologia Ciência e Profissão, 31(2), 2011.

VASCONCELOS, C. E. de. Mediação de Conflitos e Práticas Restaurativas. São Paulo: Método, 2008.

WAGNER, A.; MOSMANN, C.P. Educar para a conjugalidade: que a vida não nos separe. In: Osório, L.C.; Valle, M.E.P. de. Manual de Terapia Familiar Volume II. Porto Alegre: Artmed, 2011.

WOTTRICH, S. H., ÁVILA, C. de; MACHADO, C. C.; GOLDMEIER, S.; DILLENBURG, D., KUHL, C. P.; IRIGOYEN, M. C.; RIGATTO, K., & RUSCHEL, P. P. Gênero e manifestação de stress em hipertensos. Estudos de Psicologia Campinas, 28(1), 2011.

ZORDAN, E. P.; WAGNER, A.; MOSMANN, C. O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: uma análise das demandas judiciais. Psico-USF, Bragança Paulista, 17(2), 185-194, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712012000200002>>. Acesso em: out. 2013.

3 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa cuja análise do fenômeno utiliza uma abordagem interdisciplinar, destacando-se as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais.

3.1 Local de estudo

A coleta de dados foi realizada na Defensoria Pública do Estado de Sergipe, núcleo da Defensoria Especial Administrativa da Central da Cidadania em Aracaju/ SE.

3.2 Amostra

A população do estudo foi composta por 78 sujeitos, 49 mulheres e 29 homens, selecionados por conveniência. Participaram da coleta 80 sujeitos, no entanto, duas coletas foram descartadas, pois os participantes não concluíram as duas etapas necessárias (ISSL e entrevista semi-estruturada). Como se trata de uma população finita e de dados quanti-qualitativos, o fechamento da amostra pautou-se na experiência dos pesquisadores envolvidos, por considerar que os dados obtidos ofereciam material suficiente para desenvolver as discussões necessárias para responder ou problematizar os objetivos do estudo, percebeu-se que, num dado momento da pesquisa os dados se repetiam, não eram apresentados resultados diversos que aprofundassem o objeto de estudo, portanto, a amostra foi considerada suficiente (FONTANELLA et al, 2011).

3.3 Variáveis estudadas

Variáveis sociodemográficas: Sexo, Idade, Escolaridade, Procedência, Profissão, Situação no mercado de trabalho, Renda familiar, Renda principal; Situação econômica após o divórcio; Tipo de moradia; a fim de caracterizar o ambiente sócio-econômico da família (item I do apêndice II).

Variáveis sobre o casamento: tipo de união; tempo de convivência; características do arranjo familiar; qualidade da relação; mudança da qualidade; presença e interferência de outros (parentes/ amigos) na convivência familiar; idades dos filhos; filhos de outras relações; comunicação; funções parentais; principais dificuldades enfrentadas durante o casamento e as estratégias de enfrentamento, a fim de compreender o ambiente relacional da família (item II do apêndice II);

Variáveis sobre o divórcio: tempo de separação; motivos; tipo do divórcio; qualidade da relação; comunicação; funções parentais; estratégias e atitudes na situação; esquema de convivência com a prole, expectativas quanto à guarda da prole; a fim de analisar o ambiente relacional da família no momento atual (item III do apêndice II);

Presença de sintomas relacionados ao estresse dos sujeitos em processo de divórcio assistidos pela Defensoria Pública de Sergipe;

3.4 Instrumentos e técnicas

Inventário de Sintomas de Estresse (ISSL): instrumento validado por Lipp (2000) para diagnosticar a presença de estresse nos sujeitos, a fase em que se encontra (alerta, resistência, quase exaustão e exaustão) e se o estresse se manifesta por meio de sintomatologia predominantemente física ou psicológica. No total, o ISSL inclui 34 itens de natureza somática e 19 de natureza psicológica.

As estratégias de enfrentamento de crise em família foram obtidas através do roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice II).

3.5 Procedimentos

3.5.1 Coleta de dados:

A equipe de aplicadores foi composta pela autora e dois acadêmicos de psicologia, alunos da iniciação científica. Foram realizados três plantões semanais na Defensoria Pública no período de maio de 2012 a agosto de 2013. Durante os plantões na Defensoria Especial de Aracaju a equipe acompanhou, junto ao setor de triagem, os casos de divórcio que envolvia a guarda da prole. Os plantões foram realizados no turno da manhã (por ser o período de atendimento aos sujeitos que solicitavam o divórcio e guarda da prole), três dias por semana.

Para treinamento para coleta dos dados e adequação do roteiro de entrevista aos objetivos do estudo, foram utilizadas 09 entrevistas realizadas pelo mestrando e os dois alunos de IC. Quanto aos procedimentos de coleta, inicialmente, o (a) entrevistador (a) lia junto com o participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice I), após a assinatura do termo se dava o preenchimento do Inventário de Sintomas de Estresse – ISSL (LIPP, 2000), o inventário foi aplicado pelo entrevistador que explicava o objetivo do instrumento e fazia as perguntas ao sujeito. Em seguida eram realizadas as entrevistas semiestruturadas, as respostas foram registradas pelos aplicadores. Cada entrevista teve duração aproximada de 40 minutos.

O objetivo dessa sequência foi possibilitar o aquecimento necessário para entrar em questões mais íntimas, o que não seria possível se a coleta fosse iniciada pela entrevista. O ISSL possibilita ao sujeito concentrar a sua percepção sobre o estado atual de seu corpo físico e de seu estado psicológico, a entrevista aprofunda questões emocionais.

3.5.2 Análise dos dados:

Análises quantitativas. Para análise dos dados obtidos pelo Inventário de Sintomas de *Stress* e os dados sóciodemográficos foi utilizada estatística descritiva simples (frequência, média, desvio padrão). Para a realização de análises de inferência bivariadas foram utilizados o Teste Qui-quadrado, Teste Exato de Fischer (variáveis qualitativas) e o teste U de Mann-Whitney (quantitativas), $p < 0,05$, sobre a ocorrência de estresse. Foi verificada a significância estatística entre a variável dependente, ocorrência de sintomas de estresse, e as variáveis independentes citadas anteriormente. Para verificar a razão de chance (OR) não ajustada foi utilizado o modelo de regressão logística univariada (simples). Para a razão de chance ajustada, utilizou-se a regressão logística multivariada (múltipla). Devido ao número de sujeitos ser limitado, utilizou-se o procedimento de re-amostragem (bootstrap) com o intuito de minimizar erros estatísticos.

Análises qualitativas. A análise dos dados qualitativos foi realizada de acordo com o método de análise de conteúdo (ver item 2.4) a partir dos objetivos do estudo, para a definição das categorias de análise das narrativas de *coping* foi utilizado o sistema de “Famílias de *coping*” desenvolvido por Skinner et al (2003) descrito no Quadro 1.

3.6 Aspectos éticos

O presente estudo foi realizado a partir de padrões de ambiência adequados (sigilo de informações e anonimato dos sujeitos) para a coleta de dados. Os sujeitos que consentiram participar, voluntariamente, foram previamente informados sobre o conteúdo e finalidade da pesquisa sobre o caráter sigiloso das informações prestadas e da garantia do anonimato, devendo assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, com estas garantias (finalidade, sigilo e anonimato) expressas no referido termo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética e Pesquisa da Universidade Tiradentes, Aracaju/Se, em 30 de Maio de 2012 com o número 110512 (Anexo III).

4 RESULTADOS

4.1 ARTIGO 1

FATORES RELACIONADOS À OCORRÊNCIA DE ESTRESSE EM DIVÓRCIOS ENVOLVENDO GUARDA DA PROLE

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo realizado com 78 adultos em situação de divórcio e guarda da prole na Defensoria Pública de Sergipe com a finalidade de verificar a ocorrência de sintomas de estresse no divórcio. A partir do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) obteve-se que 71,8% dos participantes apresentaram estresse, sendo que 51,8% estavam na fase de resistência e 82,1% com sintomas predominantemente psicológicos. Os níveis de estresse mostraram relação com o gênero feminino, a idade do filho mais velho no momento da separação e a instabilidade no mercado de trabalho. Conclui-se que há necessidade de intervenções familiares preventivas, a fim de cuidar do vínculo conjugal, facilitando os arranjos relacionais requeridos pela separação.

Palavras-chave: estresse, divórcio, guarda da prole.

Abstract

This paper presents a study of 78 adults in situations of divorce and child custody in the Public Defender of Sergipe in order to verify the occurrence of stress symptoms in the divorce. From the Inventory of Stress Symptoms for Adults Lipp (ISSL) it was found that 71.8% of participants had stress, and 51.8% were in the resistance level and 82.1% with predominantly psychological symptoms. Stress levels was related to female gender, age of the oldest child at the time of separation and its instability in work situation. It is concluded that there is need for preventive family interventions in order to take care of the marital bond, facilitating the relational arrangements required for the separation.

Keywords: stress, divorce, child custody

Introdução

As mudanças e desafios associados ao divórcio estão relacionados à passagem por eventos estressores. No entanto, esse momento pode ser encarado como possibilidade de amadurecimento da família, com relações mais satisfatórias e harmônicas no ambiente familiar ou como um processo degenerativo e ameaçador que dificultará o desenvolvimento dos membros do sistema familiar. Nesse sentido, alguns indivíduos podem desenvolver transtornos emocionais, psicológicos e sociais, reacionais à situação (Amâncio, 2008).

O divórcio está cada vez mais presente na dinâmica social (Peck & Manocherian, 2001), propiciando novos arranjos familiares. Neste contexto, não é cabível naturalizar ou minimizar o complexo processo de mudanças relacionado ao divórcio e sim, trabalhar as implicações de uma situação que já faz parte do cotidiano de várias famílias.

Estudo desenvolvido por Brito (2007) sobre filhos de pais separados sinaliza que toda atenção é necessária durante o divórcio para que os mesmos não sejam atingidos por desdobramentos que lhes tragam danos. Entre os quais, ressalta-se a dificuldade de separar a conjugalidade da parentalidade, havendo casos em que a separação do casal estende-se ao relacionamento entre pais e filhos com o afastamento de um dos genitores.

A guarda da prole pode ser um dos maiores desafios para a reconfiguração dos arranjos relacionais familiares pós-divórcio. Estudos brasileiros (Wagner & Grzybowski, 2010; Sousa & Brito, 2011) mostram que as mulheres são, na maioria dos casos, as detentoras da guarda dos filhos após a separação conjugal.

O gênero feminino é descrito como um fator relacionado à ocorrência de estresse, sendo este frequente tanto nas adultas, como entre as mais jovens, na faixa etária de 17 e 20 anos (Caires & Silva, 2011), independente da origem sócio-cultural (Lipp, 2000; Amâncio, 2008). Wottrich et al (2011) observaram que os homens (66,6%) estavam predominantemente na fase de resistência, enquanto as mulheres (41,4% e 15,2% dos homens) apresentaram escores elevados na fase de quase-exaustão, em idênticas condições de hipertensão.

No modelo quadrifásico de estresse proposto por Lipp (2000), os sintomas de estresse podem ser classificados em quatro fases: a primeira é a fase de alerta, na qual inicia-se o processo psicofisiológico de resposta aos estressores; a segunda é a fase de resistência, na qual o sujeito está lidando com os estressores para manter a homeostase interna; a terceira é a fase de quase-exaustão, em que o adoecimento se inicia e os órgãos mais vulneráveis começam a demonstrar sinais de deterioração; a última é a fase de exaustão, nesta o adoecimento físico e/ou mental foi instalado .

O estresse envolve um agente causal interno (fatores psicológicos) ou externo (fatores ambientais); a avaliação cognitiva sobre a situação (dano, ameaça e desafio); as respostas de *coping*; e a reação ao estresse, que se caracteriza por alterações psicofisiológicas, desencadeadas por diferentes situações agradáveis ou desagradáveis (Justo & Lipp, 2010; Abreu et al, 2002).

O estresse ocorre quando a avaliação cognitiva sobre uma determinada situação exige do sujeito recursos pessoais acima do que é capaz de acessar para lidar com o contexto em que está inserido. A avaliação é o significado pessoal (crenças, valores, objetivos) que se dá

a um acontecimento, ela exerce influência sobre os recursos pessoais (físicos, psicológicos, materiais e espirituais) para lidar com a situação (Folkman, 2010). A força afetiva se expressa no corpo de modo complexo, motivando tendências de ação ou comportamentos e também alterações fisiológicas (Rocha & Kastrup, 2009).

Sentimentos vividos nos momentos de dificuldades conjugais podem estar presentes no divórcio, como: raiva, ciúme, medo, tristeza, frustração, perda, mágoa, menos-valia. Estes estados afetivos favorecem ao estresse e relacionam-se ao modo como a pessoa avalia ou interpreta os acontecimentos vividos (Lipp, 2013).

O objetivo desse estudo, portanto, foi verificar a ocorrência de sintomas de estresse em sujeitos durante o divórcio com guarda da prole e os fatores ou variáveis relacionados ao estresse.

Método

Trata-se de um estudo quanti-qualitativo, cuja análise do fenômeno utiliza uma abordagem interdisciplinar. A pesquisa foi realizada na Defensoria Pública de Sergipe, na Central da Cidadania em Aracaju/SE, no período de Agosto de 2012 a Maio de 2013.

Participantes

Participaram do estudo 78 sujeitos adultos (49 mulheres e 29 homens), selecionados por conveniência, que consentiram, voluntariamente, participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Como esse estudo fez parte de uma pesquisa maior que incluiu entrevista semi-estruturada a coleta foi encerrada por saturação. Diz-se que houve saturação teórica quando se chega ao um ponto da coleta em que os elementos não oferecem conteúdos novos que aprofundem as análises (Fontanella, Luchesi, Saidel, Ricas, Turato & Melo, 2011).

Instrumentos

Inventário de Sintomas de Estresse (ISSL) validado por Lipp e Guevara em 1994 (Lipp, 2000) para verificar a ocorrência de estresse em sujeitos adultos, a fase em que se encontra (alerta, resistência, quase exaustão e exaustão) e se o estresse se manifesta por meio de sintomatologia predominantemente física e/ou psicológica. No total, o ISSL inclui 37 itens de natureza somática e 19 de natureza psicológica. É indicado para aplicação em jovens a partir de 15 anos, adultos e idosos.

Entrevista semiestruturada. Trata-se de método de investigação qualitativa (Marconi & Lakatos, 2011), com aplicação focalizada, o roteiro de entrevista foi composto por questões

fechadas (objetivas) e abertas. As questões versaram sobre as variáveis sociodemográficas, aspectos do casamento e do divórcio.

Procedimentos

Coleta de dados

Compuseram a equipe de aplicadores um profissional e dois acadêmicos da área de psicologia. Foram realizados 3 plantões semanais no local da coleta. Inicialmente, realizou-se um pré-teste com 10% da amostra para as adequações necessárias. Após a leitura e assinatura do TCLE o aplicador preenchia o ISSL (Lipp, 2000). Ato contínuo, foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas com duração aproximada de 40 minutos. Os aplicadores treinados, após a escuta das narrativas, registrava a síntese da resposta do entrevistado.

Análise dos dados

Análises quantitativas. Para análise dos dados do ISSL e dos sóciodemográficos foi utilizada estatística descritiva simples (frequência, média, desvio padrão). Para a realização de análises de inferência bivariadas foram utilizados o Teste Qui-quadrado, Teste Exato de Fischer (variáveis qualitativas) e o teste U de Mann-Whitney (quantitativas), $p < 0,05$. Foi verificada a significância estatística entre a variável dependente, sintomas de estresse, e as variáveis independentes (variáveis sociodemográficas, aspectos do casamento e do divórcio). Para verificar a razão de chance (OR) não ajustada foi utilizado o modelo de regressão logística univariada (simples). Para a razão de chance ajustada, utilizou-se a regressão logística multivariada (múltipla). Devido ao limitado número de sujeitos, utilizou-se o procedimento de re-amostragem (bootstrap) com o intuito de minimizar erros estatísticos.

Análises qualitativas. Para desenvolver as análises das narrativas dos indivíduos acerca das expectativas sobre a guarda da prole foi utilizado o método de análise de conteúdo (Bardin, 2011).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Tiradentes, Aracaju/Se, sob o protocolo 110512.

Resultados

A população estudada foi composta, majoritariamente, por mulheres (62,8%) (Tabela 1). As idades dos sujeitos em processo de divórcio variaram entre 18 e 61 anos, sendo que a média foi de 34,9 anos (DP=8,47). Quanto à escolaridade dos mesmos, verificou-se que 25,5% não tinham concluído o ensino fundamental, 46,3% concluíram o ensino médio e 2,6% concluíram o ensino superior.

A Tabela 1 apresenta os resultados gerais sobre a ocorrência de estresse e a Tabela 2 apresenta os resultados acerca dos fatores que simultaneamente influenciam a ocorrência de estresse, pode-se destacar o sexo feminino (OR=6,99; IC=2,68-22,71; p=0,001) e a idade dos filhos mais velhos (OR=0,913; IC=0,82-0,98; p=0,02). Estes resultados foram obtidos a partir das análises bivariadas entre a ocorrência de estresse e as variáveis estudadas.

Tabela 1. Frequência de estresse no divórcio. Defensoria Pública de Aracaju/SE, 2014.

Ocorrência de Stress	Mulher		Homem		Total	
	n=49	%	n=29	%	n=78	%
Tem	36	73,6	8	26,4	56	71,8
Não Tem	16	33,3	19	66,7	22	28,2
Fase (Modelo Quadrifásico)						
Alerta	6	12,8	6	21,4	8	14,4
Resistencia	25	51,3	15	50	29	51,8
Quase Exaustão	15	30,8	6	21,4	16	28,6
Exaustão	2	5,1	2	7,1	3	5,4
Predominância de Sintomas						
Físicos	6	12,8	6	21,4	8	14,3
Psicológicos	41	84,6	23	78,6	46	82,1
Ambos	1	2,6	0	0	2	3,6

Influência do sexo e a ocorrência de estresse. Sobre a relação entre o sexo do participante da pesquisa e a presença ou não de estresse, observou-se que entre os que têm estresse (n=56), 73,6% são mulheres ($\chi^2=12,610$; p=0,001). A intensidade dessa relação indica que as mulheres em processo de divórcio têm aproximadamente 7 vezes mais risco de desenvolver estresse, quando comparadas aos homens (OR=6,43; IC=2,58-21,63; p=0,001). Na fase de quase exaustão, as mulheres apresentam 10 pontos percentuais a mais do que os homens.

Influência da idade do filho mais velho e a ocorrência de estresse. Para analisar a relação entre a idade da prole e a ocorrência de estresse, foi considerada a idade do filho mais velho, por ele determinar a etapa do ciclo vital da família (Cerveny & Berthoud, 2002). Observou-se que 53,6% (n=30) dos sujeitos com estresse tem o filho mais velho com idade entre zero e sete anos. Entre os que têm estresse e filho nessa faixa etária verificou-se que 40% (n=12) estão na fase de resistência e 40% (n=12) na fase de quase exaustão, 80% apresentam sintomas predominantemente psicológicos. Observou-se que a cada ano a mais (OR=0,925; IC=0,86-0,98; p=0,03) em relação à idade do filho mais velho no momento do divórcio, menor a chance de ocorrência de estresse.

Tabela 2. Razão de chance entre a ocorrência de estresse e as variáveis relacionadas. Pesquisa realizada na Defensoria Pública/SE, 2014

Variáveis	OR Não Ajustada	p-valor	OR Ajustada
-----------	-----------------	---------	-------------

Sexo				
Masculino	1		1	
Feminino	6,429 (2,578;21,631)	0,001	6,999 (2,685;22,71)	
Renda (salário mínimo)				
Até 1 salário	1			
Mais que 1 até 2 salário	1,167 (0,319;3,802)	0,779		
Até 3 Salários	1,493 (0,16;1,21E9)	0,539		
Idade				
Até 25 anos	1			
26 a 33 anos	1,15 (0;2,165)	0,772		
34 a 41 anos	0,472 (0;1,328)	0,284		
Acima de 42 anos	0,333 (0;1,196)	0,179		
Ciclo vital casamento				
Até 7 anos	1			
8 a 21 anos	1,65 (0,464;5,705)	0,363		
Acima de 22 anos	0,833 (0,089;1,01E9)	0,766		
Arranjo familiar				
Primeiro	1			
Segundo	0,612 (0,038;8,08E8)	0,489		
Terceiro	0,735 (0;8,8E8)	0,454		
Idade ⁵ (filho mais velho)	0,925 (0,859;0,984)	0,026	0,913 (0,825;0,982)	
Enteados	0,522 (0,111;1,432)	0,296		
Tempo de Separação				
0 (coabitam) a 1 ano	1			
2 a 6 anos	0,409 (0,035;5,1E8)	0,188		
7 anos em diante	1,021 (0;8,5E7)	0,614		
Tipo de divórcio				
Consensual	1			
Litigioso	0,783 (0,244;3,007)	0,645		
União Estável	5,9E9 (2,8E8;1,04E9)	1		
Comunicação atual				
Difícil (discussões)	1			
Através de outros, não existe	0 (0;0)	0,999		
Necessário sobre a prole	0 (0;0)	0,999		
Situação de moradia				
Amigos, parente, cedida	1			
Alugada	0,625 (0,177;1,880)	0,509		
Própria	0,813 (0,261;2,007)	0,736		
Situação no mercado de trabalho				
Desempregado	1			
Instável	5,308 (0,568;1,4E9)	0,06		
Estável	0,659 (0,190;1,912)	0,491		

Relação entre a situação no mercado de trabalho e a ocorrência de estresse. Na população estudada observou-se que 43,6% dos sujeitos relataram ocupação com estabilidade (carteira assinada ou funcionário público), 32,1% em empregos instáveis

⁵Refere-se à idade do filho mais velho de cada entrevistado(a).O resultado próximo de 1 (OR=0,913) indica que a cada ano a mais em relação à idade do filho mais velho, menor a chance de ocorrência de estresse no divórcio.

(contratos temporários ou serviços esporádicos) e 24,4% informaram que estavam desempregados.

Verificou-se que, para a população estudada, a situação no mercado de trabalho é um fator relacionado à ocorrência de estresse ($\chi^2=7,972$; $p=0,019$). Entre os sujeitos que estão desempregados, 68,4% ($n=13$) apresentam estresse e dentre estes aproximadamente 70% estão na fase de resistência. Entre os que estão em situação de instabilidade, 92% ($n=23$) apresentam estresse, sendo distribuídos em 34,8% na fase de resistência e 47,8% na fase de quase-exaustão. Entre os que têm estabilidade, 58,8% ($n=20$) apresentaram estresse, sendo que destes 60% estão na fase de resistência.

Análises sobre outros fatores e a ocorrência de estresse. Para analisar o fator idade em relação à ocorrência de estresse, optou-se utilizar intervalos propostos por Zordan, Wagner e Mosmann (2012): 18 a 24 anos (adolescência final), 25 a 40 anos (jovens adultos), 41 a 60 anos (adulthood média) e de 61 anos em diante (terceira idade). Verificou-se que entre os indivíduos que tem estresse 67,9% ($n=38$) tem entre 25 e 40 anos, ou seja, são jovens adultos. Um aspecto significativo é que todos na fase de adolescência final (100%, $n=7$) apresentaram sintomas de estresse.

O fator tempo de casamento também foi estudado pra verificar se havia relação entre este e a ocorrência de estresse, a média de tempo de casamento foi de 10,91 anos ($DP=6,744$), mínimo de um ano e máximo de 30 anos, a maioria (55,1%) dos sujeitos informou que tem entre 8 e 21 anos de casamento. Optou-se agrupar de acordo com as etapas do ciclo de vida da família: zero a 7 anos (formação do casal e nascimento dos filhos), 8 a 21anos (período de criação dos filhos) e de 22 anos em diante (saída dos filhos de casa) (Zordan et. al., 2012; Carter & McGoldrick, 2001). Considerando esses intervalos, observou-se que 58,9% ($n=33$) das pessoas com estresse estão no ciclo de criação dos filhos (8 a 21 anos de casamento).

Quanto ao tempo de separação 80,8% ($n=63$) relatou que está separado há menos de um ano, verificou-se que entre os sujeitos que apresentaram estresse 71,4% ainda coabitam ou se separaram há menos de um ano (32,1% e 39,3%, respectivamente). Entre aqueles que ainda coabitam, 37,9 % estão na fase de resistência e 37,5% na fase de quase-exaustão. No modelo quadifásico do estresse (Lipp, 2000) a fase de resistência corresponde à segunda fase na qual a pessoa tenta lidar com os estressores de modo a manter a homeostase interna. Porém, se os estressores persistem a pessoa entra na fase de quase-exaustão, iniciando o adoecimento físico e/ou psicológico.

Dentre os fatores relacionados ao estresse, elencam-se as dificuldades no casamento, a traição foi a dificuldade mais citada pela população estudada. Verificou-se ainda que o fato de coabitar ou o pouco tempo de separação pode sinalizar que o sujeito permanece exposto a esses estressores.

Quanto à comunicação 57,7% (n=45) relatou que esta já não existe, 26,9% (n=21) informou que falam o necessário sobre a prole de forma amigável e 15,4% (n=12) definiu a comunicação como difícil (com brigas e discussões). A relação entre a comunicação e a ocorrência de estresse mostra que entre aqueles que apresentam sintomas relacionados ao estresse (n=30), 53,6% não possuem qualquer tipo de comunicação com o(a) parceiro(a) ou se comunicam por meio de intermediários. Considera-se que comunicação entre os ex-cônjuges é fundamental para a construção de novos arranjos relacionais, principalmente para negociar e definir aspectos relacionados à educação e guarda da prole.

As questões relacionadas à guarda foram obtidas através da entrevista semiestruturada em que o(a) entrevistado(a) foi questionado(a) sobre as expectativas quanto à guarda dos filhos. As narrativas foram transformadas em cinco unidades de contexto relacionadas à categoria guarda: guarda unilateral materna, guarda unilateral paterna, guarda com avós, guarda compartilhada e filhos divididos.

Os resultados indicam que 67,9% (n=53) dos sujeitos de pesquisa possuem expectativa de guarda unilateral materna, sendo que apenas um sujeito apontou a expectativa de guarda unilateral paterna. As narrativas revelaram a preocupação das mulheres sobre a capacidade dos ex-cônjuges cuidarem dos filhos, conforme narrativas exemplares:

(...) eu fico sem querer deixar porque ele bebe, leva mulheres, eu não queria que meus filhos vissem o que o pai faz, eu me preocupo (S25, 22 anos, mulher).

Um entrevistado ao informar que a guarda será da ex-conjuge acrescentou que a mesma não quer que ele leve o filho para casa de outra mulher:

(...) ela diz que só quando ele (o filho) crescer (...) fui ver ele ontem, ela fica sem deixar, diz que vai à igreja, fazer outras coisas (...) não quer que ele (o filho) passe o fim de semana comigo porque vai para casa de outra mulher. Eu vejo ele à pulso (S16, 42 anos, homem).

A insegurança sobre o cuidado do ex-cônjuge em relação à prole aparece também associada a outros motivos como ciúmes e medo de perder o amor dos filhos e o papel de cuidadora. Na narrativa S30 (24 anos, mulher) o medo de perder o amor do filho, deste não ser bem cuidado na casa do pai e de estar interferindo negativamente na relação pai – filho foram expressos como motivos do não compartilhamento da guarda.

O afastamento de um dos cônjuges da vida dos filhos também apareceu, numa das narrativas (S28, 34 anos, mulher) a entrevistada informou que a filha não quer ver o pai, relatou que gostaria que a guarda fosse compartilhada, mas o ex-cônjuge usa a filha para se aproximar dela. Outra narrativa (S17, 29 anos, mulher) afirma que é difícil ele (o ex-cônjuge) aparecer para ver a filha (4 anos de idade) explicou que quando se separou foi morar com a tia (irmã da mãe da entrevistada) e, atualmente a tia diz: “com ele a menina não sai!”.

Discussão

A maioria da amostra foi composta por mulheres, esse resultado sinaliza que a iniciativa para a separação na população estudada é predominantemente feminina. Estudos de Féres-Carneiro (2003) e Zordan et al. (2012) indicam que o desejo e a decisão de separação é, na maioria das vezes, feminino. Os homens teriam mais facilidade em permanecer numa relação amorosa insatisfatória pelo fato de conseguirem separar relações sexuais de relações afetivas. A concepção masculina de casamento considera que a constituição de família é um fator mais significativo do que a relação amorosa (Féres-Carneiro, 2003).

A ocorrência de estresse foi verificada, principalmente entre as mulheres, tendência também observada por Lipp (2000) nas pesquisas para validação do ISSL em diversas regiões brasileiras. Resultados similares foram verificados na população portuguesa, Amâncio (2008) em estudo realizado com famílias pós-divórcio e reconstituídas verificou que as mulheres apresentaram nível mais elevado de percepção de estresse familiar.

Entre os fatores que podem estar associados a maior ocorrência de estresse nas mulheres é a crença legitimada social e culturalmente de que as mulheres estariam mais preparadas para o cuidado dos outros (companheiros, crianças e idosos), seu papel inclui a responsabilidade pela manutenção das relações familiares (Carter & McGoldrick, 2001), esse papel de cuidadora foi observado nesse estudo através dos resultados sobre a expectativa de guarda da prole unilateral materna.

A guarda e o cuidado da prole enquanto função prioritária das mulheres desafia os ex-cônjuges a negociar arranjos relacionais satisfatórios a fim de manter a parentalidade após a dissolução da conjugalidade. Trabalhar as questões culturais aliadas à desconfiança em relação à capacidade do homem cuidar dos filhos é um desafio, também para garantir a continuidade dos vínculos dos pais com seus filhos. Verificou-se que alguns homens não se veem no papel de cuidadores conforme ilustrado na narrativa sobre a guarda da prole: “com a mãe, é ela quem sabe cuidar bem” (S12, 38 anos, homem).

Percebe-se que há diferenças significativas relacionadas às questões de gênero, demonstrando que o ciclo de vida das mulheres no presente estudo (Peck & Manocherian, 2001) possui características próprias e que estas ocupam papéis sociais, legitimados culturalmente, que favorecem a ocorrência de estresse no divórcio.

Verificou-se que o afastamento de um dos genitores, na maioria das vezes o pai, além de aspectos sócio-culturais pode estar relacionada a dificuldades parentais, como observado por Bolaños (2002), considerando a possibilidade de um dos genitores ter dificuldade de exercer o papel de pai ou mãe. Sousa e Brito (2011) consideram que o afastamento de um dos genitores, geralmente, o pai, e a instabilidade vivida durante o período de divórcio favorecem a aliança entre o genitor (a) guardião (ã) e os filhos, esse fortalecimento pode ocasionar nos filhos sentimento de insegurança e conflito de lealdades dependendo da forma como os ex-cônjuges se relacionem.

A desconfiança e o temor de perder o amor dos filhos ou ser preterida em relação aos seus cuidados são preocupações narradas pelas mulheres, inclusive a preocupação de que seus filhos serão cuidados por outras mulheres, com as quais o ex-marido se relaciona, partindo do princípio que a outra mulher (madrasta) será a cuidadora e não o pai. Em alguns casos esses temores estão justificados por comportamentos disfuncionais do ex-cônjuge como atos de violência e uso abusivo de álcool e outras drogas.

Nesse cenário de conflitos e desconfianças manter uma comunicação satisfatória que ao menos possibilite negociar aspectos relacionados à educação e convívio harmonioso com a prole parece ser um grande desafio. A maioria dos sujeitos entrevistados informou que não se comunica diretamente com os ex-parceiros. Por outro lado, a boa comunicação entre os ex-cônjuges, será menos importante na medida em que os filhos sejam mais independentes e possuam condições de se comunicar diretamente com cada um dos pais.

Verificou-se na pesquisa que quanto mais velho o filho, menor a chance de ocorrência de estresse, o fato de o filho ter mais independência pode diminuir as preocupações sobre quem vai cuidar de suas necessidades e a própria criança tem uma autonomia maior para se comunicar com ambos os genitores, responsabilizando-se por acertos e expressando suas necessidades.

Outros estudos (Brito, 2007; Sousa, 2010; Wagner & Grzybowski, 2010) sobre o divórcio sugerem que é necessário desenvolver serviços de apoio à família pós-divórcio, a fim de facilitar a comunicação dos ex-cônjuges sobre a prole, encontrando arranjos relacionais que priorizem o bem-estar dos filhos diante do complexo processo de mudanças que caracteriza o divórcio.

Assim, a ocorrência de estresse na maioria das mulheres em situação de divórcio parece ter relação com o desafio de construir novos arranjos relacionais, principalmente em relação à guarda da prole e à comunicação com o ex-cônjuge, necessária para tratar de questões ligadas aos filhos.

Além do sexo e da idade do filho mais velho, verificou-se que a instabilidade no mercado de trabalho é um fator que torna a pessoa vulnerável ao estresse no período do divórcio. O fato de desenvolver serviços esporádicos ou atividades com contrato temporário faz com que os sujeitos não possam fazer um planejamento a médio e longo prazo de sua situação financeira, isso somado ao momento da separação, em que o orçamento de dois torna-se prioritariamente o de um, indica ser uma situação potencialmente estressora para a população estudada.

Outra questão observada foi que quanto menor o tempo de separação maior a ocorrência de estresse. O fato de coabitar e o pouco tempo de afastamento são fatores que mantêm ou agravam o estresse devido à pessoa permanecer na dinâmica relacional adoecida. Conforme descrito nos resultados, principalmente, a situação de coabitar, mantém os sujeitos expostos a eventos estressores da dinâmica relacional do casamento (traição, uso de drogas pelo parceiro, discussões). Para Lipp (2013), nos casos em que os parceiros de uma relação conjugal passem por situações difíceis, como a de infidelidade conjugal, em que se perde a confiança, há a dificuldade de perdoar, o estresse de um ou de ambos os parceiros pode atingir níveis muito altos por períodos prolongados, desencadeando doenças associadas.

Considerações Finais

A pesquisa tornou possível compreender quais aspectos sobre o casamento e divórcio estão relacionados à ocorrência de estresse na população estudada. O gênero, a idade do filho mais velho e a situação no mercado de trabalho foram fatores diretamente relacionados à ocorrência de estresse. Além destes, a comunicação entre os ex-cônjuges, os acertos em relação à co-parentalidade (a guarda) e o tempo de separação aparecem como fatores que também interferem na ocorrência de estresse.

Verificou-se que os aspectos estudados em relação ao sexo, guarda da prole, qualidade da comunicação, situação no mercado de trabalho, tempo de casamento e de separação fazem parte de uma teia relacional complexa. Delineando o caráter sistêmico e multideterminado dos acontecimentos vividos no cenário afetivo, em que os envolvidos fazem escolhas e arranjos relacionais.

O fato da maioria dos sujeitos apresentar sintomatologia predominantemente psicológica e estar na fase de resistência ao estresse demonstra que estão num momento de busca da homeostase interna, do equilíbrio psicofisiológico. Nesta fase os sintomas de natureza psicológica observados são: o aumento da motivação, entusiasmo súbito, vontade súbita de iniciar novos projetos, descritos no ISSL (Lipp, 2000).

A pesquisa também sinaliza como é importante a presença de ajuda especializada para negociar os arranjos relacionais que serão formados, o que não é possível sem que haja comunicação entre os ex-cônjuges. A mediação familiar (Cezar-Ferreira, 2011) tem sido utilizada como método quando o conflito já foi instalado.

Contudo, esse estudo evidencia a necessidade de disponibilizar para as famílias serviços de suporte e orientação especializada após o divórcio, mas, principalmente, tornou possível perceber que são necessárias medidas preventivas cuja eficácia tem sido observada em países europeus e nos Estados Unidos nos chamados programas de educação conjugal (Wagner & Mosmann, 2011), que auxiliam a prevenção de agravos relacionais mais sérios que prejudicam a saúde mental e somática dos envolvidos e o exercício da co-parentalidade, tão importante para o desenvolvimento dos filhos.

REFERÊNCIAS

- Abreu, K. L., Stoll, I., Ramos, L. S., Baumgardt, R. A. & Kristensen, C. H. (2002). Estresse ocupacional e Síndrome de *Burnout* no exercício profissional da psicologia. *Psicologia Ciência e Profissão*, 22(2), 22-29. Recuperado em setembro 29, 2013, disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932002000200004&script=sci_arttext&tlng=e>.
- Amâncio, A. V. C. (2008). *Stress Familiar, Estratégias de Coping e Percepção da Qualidade de Vida em Famílias Pós-Divórcio e Famílias Reconstruídas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade de Coimbra, Coimbra, Distrito de Coimbra, Portugal.
- Bardin, L. (2011). *Análise do Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- Brito, L. M. T. (2007). Família Pós-Divórcio: a visão dos filhos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(1), 32-45.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- Bolaños, I. (2002). El Síndrome de Alienación Parental. Descripción y abordajes psico-legales. *Psicopatología Clínica, Legal y Forense*, vol.2, nº 3.
- Caires, S., & Silva, C.(2011). Fatores de *stress* e estratégias de *coping* entre adolescentes no 12º ano de escolaridade. *Estudos de Psicologia*, 28(3), 295-306.

Carter, B.; McGoldrick, M. (2001) As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed.

Cerveny, C. M., & Berthoud, C. M. E. (2002). Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cezar-Ferreira, V. A. da M.(2011). Mediação Familiar. In Osório, L. C. & Valle, M. E. P. do. (2011). Manual de Terapia Familiar II. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: O Doloroso Processo de Dissolução da Conjugalidade. Estudos de Psicologia, 8(3), 367-374. Recuperado em março 29, 2012, disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000300003&script=sci_arttext>. doi: 10.1590/S1413-294X2003000300003

Fontanella, B. J. B., Luchesi, B. M., Saidel, M. G. B., Ricas, J., Turato E. R. & Melo, D. G. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. Cad. Saúde Pública, 27(2), 389-394. Recuperado em junho 6, 2013, disponível em <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v27n2/20.pdf>>.

Folkman, S. (2010). Stress, coping and hope. Psycho-Oncology, vol.19: 901-908, disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pon.1836/pdf>. DOI: 10.1002/pon.1836.

Justo, A. P. & Lipp, M. E. N. (2010). A influência do estilo parental no stress do adolescente. Boletim Academia Paulista de Psicologia, 30(79), 363-378. Recuperado em setembro 24, 2013, disponível em < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94615412010> >.

Lipp, M. E. N. (2000). Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lipp, M. E. N. (2013). O stress está dentro de você. São Paulo: Contexto.

Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2011). Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas.

Peck, J. S. & Manocherian, J. (2001). O Divórcio nas Mudanças do Ciclo de vida familiar. In Carter, B. & McGoldrick, M. As mudanças no Ciclo de Vida familiar: uma estrutura para terapia familiar (2a ed). Porto Alegre: Artes Médicas.

Rocha, J. M. & Kastrup, V. (2009). Cognição e emoção na dinâmica da dobra afetiva. Psicologia em Estudo, 14(2), 385-394. Recuperado em setembro 19, 2013, disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000200020&script=sci_arttext>. doi: 10.1590/S1413-73722009000200020.

Sousa, A. M. (2010). Síndrome de Alienação Parental: Novo tema nos juízos de família. São Paulo: Cortez.

Sousa, A. M. & Brito, L. M. T. (2011). Síndrome da Alienação Parental: da Teoria Norte-Americana à nova Lei Brasileira. Psicologia ciência e Profissão, 31(2), 268-283. Recuperado em agosto 22, 2013, disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932011000200006&script=sci_arttext>. doi: 10.1590/S1414-98932011000200006.

Wagner, A. & Grzybowski, L. S. (2010). O envolvimento parental após a separação/ divórcio. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 23(2), 189-198. Recuperado em outubro 14, 2013, disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722010000200011&script=sci_arttext>. doi: 10.1590/S0102-79722010000200011.

Wagner, A.; Mosmann, C.P. (2011). Educar para a conjugalidade: que a vida não nos separe. In Osório, L. C.; Valle, M. E. P. do. (2011). *Manual de Terapia Familiar II*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Wottrich, S. H., Ávila, C. de., Machado, C. C., Goldmeier, S., Dillenburg, D., Kuhl, C. P., Irigoyen, M. C., Rigatto, K., & Ruschel, P. P. (2011). Gênero e manifestação de *stress* em hipertensos. *Estudos de Psicologia*, 28(1), 27-34.

Zordan, E. P., Wagner, A., & Mosmann, C. (2012). O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: uma análise das demandas judiciais. *Psico-USF, Bragança Paulista*, 17(2), 185-194. Recuperado em outubro 25, 2013, disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712012000200002>. doi: 10.1590/S1413-82712012000200002.

4.2 ARTIGO 2

ESTRATÉGIAS DE COPING, DIVÓRCIO E QUESTÕES DE GÊNERO

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo realizado com 48 adultos que buscavam a Defensoria Pública de Sergipe, no atendimento jurídico para orientação sobre a entrada no processo de divórcio. Objetivou-se analisar as estratégias de *coping* diante das dificuldades do casamento e as percepções dos sujeitos sobre o impacto do divórcio na sua vida, através da caracterização qualitativa do momento atual, com enfoque nas diferenças de gênero. Trata-se de pesquisa quanti-qualitativa cujos dados foram obtidos a partir de entrevistas individuais semiestruturadas realizadas na própria Defensoria. Os resultados revelaram que as estratégias de *coping* mais narradas são “busca de apoio” no ambiente social (familiares e amigos) e na religião, “acomodação” e “solução de problemas”. A maioria dos sujeitos narrou que o divórcio tem um impacto desafiador, mas qualificam o momento após a decisão de separação como de crescimento pessoal. Discute-se a importância de programas ou serviços especializados de educação conjugal, orientação e aconselhamento familiar enquanto estratégias preventivas. Conclui-se que as redes de apoio e suporte são fundamentais na transição familiar motivada pelo divórcio e ressalta a importância de trabalhos preventivos com a família desde as primeiras fases desse processo, facilitando os arranjos relacionais requeridos pela separação.

Palavras-chave: *coping*, divórcio, família.

Abstract

This paper presents a study of 48 adults who sought the Public Defender of Sergipe, in legal services for advice on entering the divorce process. This study aimed to examine the coping strategies before the difficulties of marriage and the perceptions of the subjects on the impact of divorce on their lives. It is quantitative and qualitative research and data were obtained from semi-structured interviews in Defender itself. The results revealed that the most frequently used coping strategies are "seeking support" in the social environment (family and friends) and religion, "accommodation" and "troubleshooting ". Most subjects narrated that divorce has a challenging impact, but qualify time after the divestiture decision as personal growth. It discusses the importance of programs and specialized services of marital education, guidance and family counseling as a preventive strategies. It is concluded that the support networks and family support are critical in transition motivated by divorce and emphasizes the importance of preventive work with the family since the early stages of this process, facilitating relational arrangements required for the separation.

Keywords: coping, divorce, family.

Introdução

O divórcio é um acontecimento cada vez mais presente na dinâmica sócio-cultural. Representa transições significativas, que interferem no ciclo de vida do grupo familiar (Grzybowski & Wagner, 2010; Brito; Cardoso & Oliveira, 2010; Féres-Carneiro, 1998). Por outro lado, Féres-Carneiro (2003) aponta que o aumento no número de divórcios não ameaça a formação dos laços sociais de aliança (Sarti, 2004), porém sinaliza que as pessoas, principalmente as mulheres, não aceitam manter uma relação afetiva insatisfatória.

Percebe-se forte influencia das questões relacionadas às prescrições sociais de gênero nas relações conjugais e parentais. Mudanças observadas nos papéis da mulher e do homem na sociedade têm interferido no modo como se arruma a dinâmica funcional e relacional das famílias (Zordan; Wagner & Mosmann, 2010; Féres – Carneiro, 2003).

A experiência desses papéis sociais no casamento e no divórcio apresenta características individuais, mas que são fortemente influenciadas pelo macrossistema (Polleto; Koller; 2008) em que a pessoa e a família estão inseridas e que interfere nas prescrições desses papéis, ou seja, direciona a expectativa sócio cultural quanto às atitudes e comportamentos esperados em relação a conjugalidade (marido e mulher) e a parentalidade (papai e mamãe).

O macrossistema e as questões de gênero

Na perspectiva bioecológica desenvolvida inicialmente por Bronfenbrenner (1996) o desenvolvimento da pessoa ocorre num processo de interação multideterminado que envolve quatro contextos: o microssistema são os ambientes imediatos que a pessoa está inserida; o mesossistema são as interações que ocorrem em ambientes diferentes daqueles que a pessoa está inserida, pode ser a escola, outra família, trabalho; o exossistema são os ambientes que a pessoa não participa, mas que indiretamente exercem influência sobre ela (a família extensa do cônjuge, o trabalho do cônjuge); e o macrossistema, a própria estrutura sócio-cultural que interfere em todos os outros ambientes.

O divórcio reflete mudanças sócio – culturais no macrossistema que alteram os “modos de subjetivação” (Rolnik & Guattari, 2005) das pessoas. Ao contrário da perspectiva de Féres – Carneiro (2003), sobre a não ameaça ao casamento na atualidade, Bauman (2009) considera que se vive hoje a experiência do “Amor líquido”, os laços amorosos sofrem influência da cultura hedonista e consumista da atualidade, que se traduz na tendência à estabelecer relações descartáveis, rápidas, passageiras (Anton, 2011).

Além de influenciar na forma como as relações acontecem o macrosistema também é modificado pelo processo multideterminado e por isso sistêmico em que as interações ocorrem. Para observar essas mudanças é preciso analisá-las do ponto de vista sócio – histórico (Amorim; Vitória Rossetti – Ferreira, 2000).

Foucault (1984) descreve que na Grécia Clássica o *status* social da mulher era definido pelo casamento, o compromisso do homem com a família não estava relacionado à exclusividade amorosa e sexual em relação à esposa, mas sim em cumprir as obrigações de manter a família e exercer suas atividades masculinas fora do espaço doméstico, quanto a esposa cabia manter a economia doméstica, o cuidado dos filhos e a manutenção do *status* de casada.

Contudo, apesar do longo período histórico, no início do século XX, o desenvolvimento das mulheres ainda estava relacionado aos homens de sua vida, primeiro o pai, depois o marido, a característica central em relação ao papel social da mulher era o cuidado dos outros e a manutenção dos relacionamentos familiares. McGoldrick (2001) considera que é recente a ideia da mulher com um ciclo de vida próprio, porém tem ocorrido rápidas mudanças no papel feminino que tem causado diversos desdobramentos na cultura e na sociedade que alteram e afetam as relações familiares. Pesquisas (Féres – Carneiro, 2003; Zordan; Wagner & Mosman, 2010; Cano, Gabarra; Moré & Crepaldi; Sousa, 2010; Brito, 2007) identificam aspectos que sinalizam a interferência das diferenças de gênero na experiência do casamento e da parentalidade.

Sobre a concepção de casamento, Féres Carneiro (2003) observou que os homens veem o casamento como constituição da família, enquanto as mulheres o veem como relação amorosa; verificou ainda que as mulheres não aceitam se manter numa relação conjugal insatisfatória, que o desejo e a decisão de separação, na maioria das vezes, são delas e que um dos principais motivos para o divórcio é a traição do parceiro. Por outro lado, os homens experimentam relações sexuais fora do casamento com menos culpa do que as mulheres e como forma de afirmar sua masculinidade, sem que isso, necessariamente, ameace a família.

Em relação à parentalidade, percebe-se em estudos sobre o tema (Sousa, 2010; Brito; 2007; Brito, Cardoso & Oliveira, 2010, McGoldrick, 2001) que há uma crença legitimada culturalmente de que as mulheres estão mais preparadas para o cuidado da prole, isso lhes confere o papel de provedoras de suporte afetivo e dos cuidados diários (higiene, alimentação, educação, lazer). Eles sinalizam que apesar das mudanças no papel social feminino se espera destas essa postura em relação aos filhos e ao marido. O que explica o fato de na maioria dos casos de separação a guarda ser materna.

Aspectos do divórcio e estratégias de *coping*

O divórcio é um processo que se inicia com a pré-decisão de separação. Nesse momento, um dos cônjuges começa a separação emocional, às vezes sem o conhecimento do outro cônjuge e/ou dos filhos; na segunda fase o desejo de separação é revelado, considera-se o momento de maior desequilíbrio para a família, em muitas situações um dos cônjuges não aceita ou não queria a separação; no terceiro estágio ocorre a separação de fato; no quarto estágio ocorre a renegociação relacional; e no quinto estágio o sistema familiar atinge uma nova autodefinição (Peck; Manocherian, 2001).

Kaslow (1988) propõe um modelo explicativo sobre as etapas do divórcio e as principais atitudes e sentimentos presentes em cada fase. Considera que durante a separação emocional, a relação está desgastada e o aumento da tensão conduz a ruptura, os principais sentimentos são insatisfação, desilusão, angústia, ambivalência, baixa-estima, perda, as atitudes são de confrontação, evitação, negação, brigas, abandono físico e emocional, tentativa de recuperar o afeto, busca de conselhos na rede social. Essa fase é seguida do divórcio propriamente dito que envolve aspectos legais, econômicos e co-parentais, em relação ao cuidado dos filhos e o divórcio social em que é feita uma reestruturação funcional e relacional diante da família, dos amigos e da sociedade. Os principais sentimentos são desesperança, tristeza, solidão, raiva, alívio, vingança, remorso.

No casamento, os estressores estão relacionados, principalmente, às dificuldades relacionais vividas na conjugalidade. A convivência torna evidentes as diferenças existentes entre o casal, as formas de reagirem aos problemas, de gerirem a economia, que podiam até serem notadas no namoro ou noivado com alguma estranheza, mas na rotina da coabitação causam frustração e insatisfação (Wagner & Mosmann, 2011).

Em pesquisa realizada com casais que se divorciaram, Zordan, Wagner e Mosmann (2012) identificaram que os conflitos relacionais são as principais causas da separação e pontuam a necessidade de intervenções preventivas que auxiliem os envolvidos a lidarem com a complexidade emocional vivida na própria dinâmica do casamento. O objetivo destas ações não é evitar a separação, mas melhorar a qualidade das relações familiares, inclusive diante da possibilidade de divórcio em que o processo de renegociação relacional requer do casal uma série de ajustes de ordem prática e afetiva que envolvem os filhos.

Existem alguns fatores que interferem na capacidade de ajustamento após o fim da conjugalidade como o contexto em que esse fim ocorreu, o ciclo de desenvolvimento familiar em que se deu o rompimento, as condições de vida pós-divórcio, escolaridade e situação econômica (Peck & Manocherian, 2001).

Em relação ao contexto em que ocorre o divórcio, Amâncio (2008) descreve diferentes fases, cujas características podem interferir nos desdobramentos da separação: casais recém-casados - nesses casos a redefinição de papéis é menos complexa; casais com filhos bebês ou idade pré-escolar - nesses casos o divórcio não afeta tanto os bebês, mas pode interferir no desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar; em idade escolar - os filhos podem perceber o que acontece, mas têm dificuldade de lidar; casais com filhos adolescentes - pode ser mais difícil estabelecer uma relação satisfatória com os filhos; em famílias lançadoras - a saída dos filhos e a chegada de novos membros pode requerer a reestruturação da relação; e divórcio tardio - nessa fase a separação pode sobrecarregar os filhos que se sintam na responsabilidade de dar continência afetiva aos pais.

A forma como esses ajustes serão realizados, as estratégias utilizadas nessa renegociação relacional dependerão da individualidade e das características relacionais do casal. Para a psicologia, o estudo sobre as estratégias ou respostas de *coping* tem sido usado para compreender a adaptação dos sujeitos às fases desenvolvimentais e às situações estressoras (Nunes & Nascimento, 2010; Carver & Connor Smith, 2010).

As respostas de *coping* são os comportamentos de enfrentamento ao estresse. As pessoas respondem a percepção de dano, ameaça e perda de diversas maneiras, desenvolvem estratégias para se prevenir ou reduzir o desconforto emocional associado a estas. Para análise das estratégias de *coping* foi utilizado o modelo de “famílias de *coping*” proposto por Skinner, Edge, Altman, Sherwood (2003).

Portanto, o objetivo desse estudo foi analisar as narrativas sobre as respostas de *coping* individuais mais frequentes diante das dificuldades percebidas no casamento e a percepção individual sobre a qualidade do momento atual após a decisão do divórcio, com enfoque nas diferenças em relação à questão de gênero.

Método

Trata-se de um estudo quanti-qualitativo cuja análise do fenômeno utiliza uma abordagem interdisciplinar, o objeto de pesquisa é atravessado por grandes áreas do conhecimento saúde, ciências humanas e sociais. A pesquisa foi realizada na Defensoria Pública do Estado de Sergipe, núcleo da Defensoria Especial Administrativa da Central da Cidadania em Aracaju/ SE, no período de agosto de 2012 a maio de 2013.

Participantes

Participaram do estudo 48 sujeitos adultos (29 mulheres e 19 homens), selecionados por conveniência, que consentiram, voluntariamente, participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. A coleta foi encerrada

por saturação, foi considerado ponto de saturação o momento da coleta em que os elementos não ofereciam conteúdos novos que ampliassem ou aprofundassem as análises (Fontanella, Luchesi, Saidel, Ricas, Turato & Melo, 2011).

Instrumento

O roteiro de entrevista semiestruturada foi composto por 20 itens fechados (respostas objetivas) e 15 abertos aplicados de forma individual. Este instrumento respondia a investigação de aspectos sócio comportamentais relacionados a uma pesquisa maior de mestrado sobre os fatores relacionados a ocorrência de estresse no divórcio, as estratégias de *coping* diante das dificuldades conjugais e aspectos relacionados à parentalidade (convivência com a prole) após o divórcio.

Procedimentos

Durante os plantões realizados três dias por semana na Defensoria a equipe de coleta (composta pela mestranda e dois alunos de iniciação científica da área de psicologia, Probic/Unit e Provic/Unit) acompanhou no setor de triagem os casos de divórcio com guarda da prole. Inicialmente, realizou-se um piloto com oito sujeitos para calibração dos entrevistadores e adequações necessárias do formulário. O aplicador lia junto com o participante o TCLE, após a sua assinatura foram realizadas as entrevistas semiestruturadas com duração de 30 minutos a uma hora. As narrativas dos sujeitos foram transcritas pelos entrevistadores durante a realização da coleta de dados.

Análises

Para desenvolver as análises das narrativas dos indivíduos sobre a percepção individual acerca das dificuldades conjugais, respostas de *coping*, percepção individual sobre a qualidade do momento após a decisão do divórcio foi utilizado o método de análise de conteúdo, definido como um conjunto de técnicas de análise das comunicações (Bardin, 2011). Para a análise categorial sobre as respostas individuais de *coping* (Tabela 1), foi utilizado o modelo de famílias de *coping* proposto por Skinner, Edge, Altman e Sherwood (2003).

As análises dos dados quantitativos referentes à caracterização do perfil dos sujeitos foram realizadas através de estatística descritiva simples (percentual, média e desvio padrão).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Tiradentes, Aracaju/Se, com o número 110512.

Resultados

Caracterização dos sujeitos. A Tabela 1 apresenta o perfil dos sujeitos que participaram do estudo. As idades dos entrevistados variaram entre 18 e 61 anos (18 a 52,

mulheres, e 25 a 61 anos, homens) sendo que a média foi de 36,63 anos (DP=8,905 anos). Para categorização das idades no momento do divórcio foram considerados os intervalos propostos por Zordan, Wagner e Mosmann (2011), “18 a 24 anos” adolescência final, “25 a 40 anos” jovens adultos, “41 a 60 anos” adultos maduros e a partir de 61 anos, idosos.

A média de tempo de casamento foi de 11,63 anos (DP=7,576 anos), a variação de tempo foi de 1 a 30 anos de convivência. Para categorização do tempo de casamento foram consideradas as 3 primeiras etapas do ciclo de vida familiar (Cerveny & Berthoud, 2002): fase de “Aquisição” que corresponde a formação da família e nascimento dos filhos, considerada nesse estudo como os primeiros 7 anos de casamento, fase “Adolescente”, considerada de “8 a 21 anos”, período de pré-adolescência e adolescência dos filhos e início da transição dos cônjuges que passam de adultos jovens para adultos maduros, de acordo com as autoras essa fase se caracteriza pela “busca de novos significados existenciais e novos papéis a serem assumidos na vida e na família” (Cerveny & Berthoud, p.61, 2002).

A classificação do ciclo vital do casamento nesse estudo considerou até a terceira etapa, chamada “Fase Madura”, cujo tempo de casamento informado foi igual ou superior a 21 anos, inicia-se na família a entrada de novos membros (genros, noras, netos). No estudo em tela a guarda da prole foi critério para composição da amostragem, os sujeitos narraram terem filhos mais velhos a partir de 21 anos e também filhos mais novos ainda na fase da infância ou adolescência. A “Fase Última” não entrou nos dados por se referir a aspectos do envelhecimento que extrapolam aos objetivos da pesquisa.

A questão econômica é um dos aspectos significativos no período do divórcio que requer ajustes e que pode alterar a dinâmica da família produzindo impactos em diversas esferas da vida (McGoldrick, 2001). Neste estudo, a questão econômica foi investigada considerando-se dois aspectos: a renda e a situação no mercado de trabalho, apresentadas na Tabela 1.

Para categorização da situação no mercado de trabalho foram utilizadas 3 categorias: desempregado(a), instável e estável. Estas duas últimas foram classificadas da seguinte maneira: foi considerada situação instável os relatos que indicaram contratos temporários, autônomos (vendedores e prestadores de serviços independentes como manicura, cabeleireira, representante de produtos, sem vínculo empregatício) ou serviços esporádicos; foi considerada situação estável aquela que informa a existência de vínculo empregatício (carteira assinada, funcionário público) ou aposentadoria.

Os intervalos de renda foram divididos do seguinte modo: até um salário mínimo, mais que 1 até 2 e mais que 2 até 3 salários, chegou-se a esse limite máximo de renda porque é critério do atendimento na Defensoria Pública de Sergipe a renda máxima de 3 salários mínimos.

Tabela 1. Caracterização da população estudada. Pesquisa realizada na Defensoria pública de Sergipe. Aracaju, 2014.

	Mulher n=29	%	Homem n=19	%
Sexo	29	60,4	19	39,6
Idade				
18 a 24 anos	2	6,9	0	0
25 a 40 anos	20	69	14	73,7
41 a 60 anos	7	24,1	4	21,1
61 em diante	0	0	1	5,3
Ciclo vital casamento				
Até 7 anos	9	31	8	42,1
8 a 21 anos	18	62,1	8	42,1
Acima de 22 anos	2	6,9	3	15,8
Tipo de divórcio				
Consensual	19	65,5	13	68,4
Litigioso	10	34,5	6	31,6
Situação no mercado de trabalho				
Desempregado	8	27,6	2	10,5
Instável	10	34,5	4	21,1
Estável	11	37,9	13	68,4
Renda (salário mínimo)				
Até 1 salário	7	24,1	1	5,3
Mais que 1 até 2 salários	16	55,2	11	57,9
Mais que 2 a 3 Salários	6	20,7	7	36,8
Filhos havidos no casamento				
1	15	51,7	7	36,8
2	11	37,9	10	52,7
3	3	10,3	2	10,5

Dificuldades no casamento e estratégias de Coping. A Tabela 2 apresenta os temas mais frequentes sobre dificuldades conjugais, as categorias foram surgindo a partir das análises sobre os registros realizados pelos entrevistadores. Nas unidades de significado construídas “outras dificuldades” se referem a narrativas isoladas que não se agrupavam em nenhuma das anteriores, como nascimento do primeiro filho e desprezo sexual. A categoria distância afetiva foi o termo utilizado para designar narrativas em que o sujeito relata prejuízos à convivência causados não apenas pela distância geográfica, como trabalhar longe da família, mas também pela falta de momentos a dois. João, 29 anos, relatou que a principal

dificuldade era a inconstância “mal se viam”, Maria, 33 anos, informou que a principal dificuldade foi “criar a filha sozinha, (...) ele era muito ausente”.

Observou-se que numa mesma narrativa apareciam diversas dificuldades:

“(...) dificuldades financeiras (ela própria sustentava a casa), ele passou 6 anos desempregado sem se preocupar(...) Ele era muito agressivo” (Iolanda, 35 anos);

“(...) alcoolismo, infidelidade e agressividade” (Mara, 36 anos).

Conforme pode se observar na Tabela 2 houveram unidades de significado que apareceram apenas no discurso das mulheres como: uso de álcool e/ou outras drogas pelo parceiro, violência e interferência de parentes.

Tabela 2. Estressores apontados como as principais dificuldades no casamento e respostas de coping. Pesquisa realizada na Defensoria pública de Sergipe. Aracaju, 2014.

	Mulher n=29	%	Homem n=19	%	Total n=48	%
Dificuldades no casamento						
Dificuldades financeiras	10	34,5	3	15,8	13	27,1
Traição	8	27,6	4	21	12	25,0
Álcool e outras drogas	7	24,1	0	0	7	14,6
Ciúmes	2	6,1	3	15,8	5	10,4
Violência	5	17,2	0	0	5	10,4
Distância afetiva	2	6,1	3	15,8	5	10,4
Falta de comunicação	3	10,3	1	5,3	4	8,3
Interferência de parentes	3	10,3	0	0	3	6,3
Outras	0	0	5	26,3	6	12,5
Respostas de coping						
Acomodação	6	20,7	6	31,6	12	25,0
Busca de apoio	9	31,0	2	10,5	11	22,9
Autoconfiança	5	17,2	2	10,5	7	14,6
Oposição	4	13,8	3	15,8	7	14,6
Solução de problemas	4	13,8	2	10,5	6	12,5
Delegação	5	17,2	0	0,0	5	10,4
Isolamento	1	3,4	3	15,8	4	8,3
Submissão	3	10,3	0	0,0	3	6,3
Não informado	0	0,0	2	10,5	2	4,2

As narrativas sobre as estratégias de *coping* em relação as dificuldades no casamento mais frequentes, principalmente dos homens, foram de acomodação, como atitudes para minimizar os problemas, distrair-se, aceitar as dificuldades, conforme fala exemplar apresentada no quadro 2.

A busca de apoio (familiar, social ou religioso) inclui narrativas que expressam a ajuda das redes de pertencimento do sujeito nos momentos de dificuldade conjugal, conforme ilustra

a fala de Rosa (ver Quadro 2). Percebe-se, conforme apresentado na Tabela 2, que estas narrativas foram mais frequentes no discurso das mulheres.

As narrativas que expressam atitudes de aproximação afetiva em resposta às dificuldades se referem à tentativa de aproximação emocional como uma atitude de autoconfiança (Skinner et al, 2003). Conforme se percebe na fala de Isaias (ver Quadro 2), desde o início do casamento trabalhava em outro Estado, esse fato era um estressor para a relação. A atitude de aproximação afetiva também pode ser verificada na narrativa de Linda, 24 anos, (ver Quadro 2). Observa-se (ver Tabela 2) que o percentual de narrativas de autoconfiança é mais frequente nas mulheres.

As respostas de “Oposição” (ver Tabela 2) são aquelas em que os sujeitos reagem através de atitudes agressivas, culpando os outros, projetando neles as suas dificuldades e conflitos, a narrativa de Sofia, 35 anos e Joana, 46 anos ilustram esse tipo de *coping* (ver Quadro 2).

As narrativas que caracterizam atitudes estratégicas para resolver os problemas, com algum planejamento foram incluídas na categoria de “Solução de Problemas”. No Quadro 2 as falas de Luiza, 30 anos e Rosa, 38 anos ilustram esse tipo de *coping*.

Algumas categorias de *coping* apareceram apenas nas narrativas de mulheres: respostas de “Delegação” e de “Submissão”. A “Delegação” caracteriza respostas mal-adaptativas nas quais o sujeito revela pena de si mesmo e delega a dificuldade, negando-se a tomar atitudes para enfrentar as adversidades, conflitos e problemas, conforme se observa nas falas exemplares de Cláudia e Carolina (ver Quadro 2). Atitudes de submissão também foram observadas apenas nas narrativas de mulheres. O tipo de atitude de Luana, 41 anos (ver Quadro 2) aparece como estratégia de enfrentamento ao comportamento do marido que ela caracteriza como um homem “violento”, “ditador” e que a impedia de trabalhar. Já a fala de Joana, 46 anos ilustra a dificuldade de lidar com os estressores identificados (dificuldades financeiras e agressividade do ex-marido).

O isolamento é uma atitude de retraimento social e evitação dos outros, apareceu com mais frequência nas narrativas dos homens, se caracteriza por atitudes diante das dificuldades conforme ilustra a fala de Marcos, 32 anos (ver Quadro 2), o entrevistado relatou que essa atitude ocorreu em decorrência da desorganização da esposa; enquanto Luís, 61 anos (ver Quadro 2), informou que reagia assim diante dos ciúmes da esposa, citados como principal estressor do casamento.

Quadro 2. Temas de análise segundo estratégias de *coping* dos sujeitos. Defensoria Pública/SE. Aracaju, 2014.

Tipos Respostas de coping	Respostas mais encontradas nos discursos
Solução de problemas: estratégia, instrumental <i>action</i> , Planejamento	<i>“(…)Tomou atitude rápida e se separou (Luiza, 30 anos); “(…) trabalhava em dobro, pedi ajuda ao meu pai, montei uma lanchonete, só que deu errado. Quanto à bebida (dele) pedi ajuda à igreja” (Rosa, 38 anos);</i>
Autoconfiança: comportamento de regulação, aproximação ou expressão emocional.	<i>“(…) tentava superar a distância quando estava junto” (Isaias, 50 anos) “(…) más amizades e do uso de drogas” (pelo ex-marido) “(…) tentava conversar com ele, mas ele não me escutava” (Linda, 24 anos)</i>
Busca de apoio: busca de contato, busca de apoio, ajuda especializada, apoio espiritual	<i>“(…) trabalhava em dobro, pedi ajuda ao meu pai, montei uma lanchonete, só que deu errado. Quanto à bebida (dele) pedi ajuda à igreja” (Rosa, 38 anos).</i>
Delegação: busca de ajuda mal-adaptativa, queixas, choramingas, pena de si mesmo	<i>“(…) pedia a Deus para ajudar” (Cláudia, 52anos); “(…)chorava muito” (Carolina, 33 anos).</i>
Isolamento: retraimento social, encobrimento, evitação dos outros	<i>“(…) distância e frieza” (Marcos, 32 anos); “(…) evitava conversar com ela” (Luís, 61 anos);</i>
Acomodação: distração, reestruturação cognitiva, minimização, aceitação	<i>“(…) procurava se distrair para pensar menos nos problemas (João, 29 anos)</i>
Submissão: ruminação, rigidez, perseveração, pensamentos intrusivos	<i>“(…) não tinha reação, porque eu tinha medo (..) ia para igreja escondido porque ele tinha ciúme (..) às vezes desabafava com uma sobrinha” (Luana, 41 anos); “(…) quase enlouqueci diante das dificuldades financeiras e com a agressividade dele - referindo-se ao ex-marido. Diante dos atos de violência relatou: “(…) tinha medo de falar com alguém (Joana, 46 anos).</i>
Oposição: culpar os outros, projeção	<i>“(…) sofria, brigava e discutia” (Sofia, 35 anos); “(…) revidei a violência, uma vez bati nele e fui parar na delegacia” (Joana, 46 anos).</i>

Percebe-se que as estratégias de enfrentamento, em algumas situações, podem ser agrupadas mais de um tipo de *coping*, conforme ilustra a fala de Rosa, 38 anos citada para exemplificar resposta de “Solução de problemas” e “Busca de Apoio” (ver Quadro 2). Essa fala exemplar ilustra a busca de apoio familiar e espiritual, mas sinaliza também uma atitude estratégica e planejada do sujeito em busca de autonomia financeira para sustentar a decisão de separação. Assim, nos resultados das análises uma mesma narrativa pode estar presente em mais de uma resposta de *coping*. O mesmo observa-se na fala de Joana, 46, num momento

ela narra a dificuldade de lidar com a violência e a dificuldade financeira e noutro ela sinaliza atitude de revide, agressividade diante da violência do ex-marido.

Caracterização dos aspectos sobre o divórcio. Observou-se que os motivos para o divórcio (ver Tabela 3) não foram iguais às dificuldades conjugais (ver Tabela 2), a fala de Paula, 38 anos, sinalizou que a principal dificuldade durante o casamento foi o desemprego, contudo citou como motivos para o divórcio a violência, o desrespeito e a infidelidade do ex-cônjuge, essa narrativa exemplar sinaliza que nem sempre as principais dificuldades do casamento são diretamente a causa de seu desfecho.

As narrativas sobre dificuldades financeiras são mais frequentes do que a traição nas dificuldades conjugais, porém não aparecem nos motivos para o divórcio em nenhuma narrativa. Esse fato indica que existem situações secundárias às dificuldades financeiras que estão relacionadas e que possuem força para o rompimento do casamento.

O motivo para o divórcio mais frequente foi a “traição” (ver Tabela 3), principalmente nas narrativas das mulheres. A categoria “Distância afetiva” se refere a narrativas que expressam o desgaste da relação, um dos entrevistados, Lucas, 33 anos, relatou que os motivos foram discussões, o ciúme e o fim do sentimento. Os temas “Violência do parceiro” e “Uso de álcool e outras drogas” apareceram apenas nos discursos das mulheres. A violência é um tema que aparece relacionado a outros: “alcoolismo e violência” (Camila, 25 anos), “pancada e fome” (Rosa, 46 anos). Do mesmo modo que as dificuldades no casamento e as estratégias de *coping*, as narrativas sobre os motivos para o divórcio aparecem em mais de uma unidade de contexto conforme exemplifica a fala de Camila citada anteriormente.

Sobre a caracterização do impacto do divórcio na vida pessoal, foi perguntado aos entrevistados como eles avaliam o momento de suas vidas após a decisão do divórcio (ver Tabela 3). Nesse aspecto a maioria das mulheres e dos homens informou que percebem a decisão para o divórcio como um momento de desafio, porém se sentem autoconfiantes e com possibilidade de crescimento pessoal. Um dos entrevistados relatou:

(...) me sinto uma pessoa melhor, já estou com outra pessoa (...) estou melhorando emocional e profissionalmente, (...) tenho o apoio que antes não tinha (Pedro, 32 anos).

Outra narrativa (Rosa, 38 anos) caracterizou o momento como “vitória”, acrescentou que se sente realizada, os filhos estão bem, que o seu emprego é bom, está alegre, quer se renovar, comprar uma casa. Enquanto Laís, 35 anos informou que está sendo difícil, mas que é um momento de superação que pretende “(...) erguer a cabeça e seguir a vida” (Laís, 35 anos).

Tabela 3. Principais motivos para o divórcio e percepção sobre o momento pós divórcio. Pesquisa realizada na Defensoria pública de Sergipe. Aracaju, 2014.

Motivos para o divórcio	Mulher n=29	%	Homem n=19	%	Total n=48	%
Traição	16	55,2	5	26,3	21	43,8
Distância afetiva	4	13,8	5	26,3	9	18,8
Ciúmes	0	0,0	6	31,6	6	12,5
Violência	6	20,7	0	0,0	6	12,5
Brigas e discussões	2	6,9	4	21,1	6	12,5
Falta de diálogo	3	10,3	2	10,5	5	10,4
Uso de álcool e outras drogas	4	13,8	0	0,0	4	8,3
Outros motivos	4	13,8	1	5,3	5	10,4
Percepção sobre o momento atual		0,0		0,0		0,0
Desafio, crescimento pessoal, autoconfiança	22	75,9	16	84,2	38	79,2
Solidão e tristeza	5	17,2	1	5,3	6	12,5
Ambivalência	2	6,9	1	5,3	3	6,3
Não informado	0	0,0	1	5,3	1	2,1
Qualidade da comunicação atual						
Falta ou não existe	20	69,0	14	73,7	34	70,8
Difícil	7	24,1	0	0,0	7	14,6
Necessário sobre os filhos	1	3,4	1	5,3	2	4,2
Amigável e constante	1	3,4	2	10,5	3	6,3
Outros	1	3,4	2	10,5	2	4,2

Também foram identificadas narrativas que expressam os sentimentos de solidão, tristeza, não aceitação e ambivalência. Manuela, 46 anos, define que o momento está sendo “triste e difícil, (...) achava que o casamento seria para a vida toda”. Lúcia, 41 anos, sinalizou o sentimento de solidão, de sobrecarga por ter muito para resolver e não dar conta, “(...) trabalhar para se sustentar, a família mora longe e às vezes sinto falta deles”. A ambivalência também apareceu nas narrativas, Mateus, 25 anos informou que se sente confuso, não sabe o que fazer. Laura, 26 anos, relatou que horas se sente encorajada, noutras horas não. Também surgiu o tema da dificuldade de reconstruir as redes relacionais de amizades, Jamile, 33 anos, qualificou como um momento difícil por estar desempregada e sem um teto próprio, tem poucas amizades.

Aspectos relacionados à comunicação dos ex-cônjuges após a decisão do divórcio foram agrupados em 5 unidades de contexto (ver Tabela 3). A categoria “Falta” inclui narrativas que afirmam a falta de comunicação, isso significa que os ex-cônjuges não se comunicam nem para acertar aspectos relacionados aos filhos. A categoria “Difícil” caracteriza a comunicação com dificuldade de negociar os arranjos necessários para a nova configuração relacional requerida pelo divórcio. A categoria “Amigável” caracteriza narrativas que

consideram a comunicação com o ex-cônjuge satisfatória, cordial. Por fim, foram incluídas na categoria “outros” narrativas que não especificam a qualidade da comunicação.

Quanto ao exercício da co-parentalidade, verificou-se que a maioria das narrativas (89,7% mulheres e 63,2% homens) expressa a expectativa de guarda materna. Seguida por “Filhos divididos” (6,9% mulheres e 10,5% homens), que caracteriza narrativas relacionadas à divisão dos filhos Marcos, 32 anos, relatou “vou ficar com o menino de 11 anos e ela com o de 3 anos”.

Discussão

As entrevistas ocorreram no exato momento em que os sujeitos estavam na defensoria pública para iniciar os trâmites legais para o divórcio. Na população estudada verificou-se que a decisão prática, efetiva foi, prioritariamente, das mulheres o que justifica a composição assimétrica da amostra (60,4% de mulheres versus 39,6% de homens). Zordan, Wagner e Mosmann (2009) analisaram o perfil dos casais que se divorciam através de pesquisa documental no Fórum de uma cidade do Rio Grande do Sul verificaram que em 50,3% dos casos quem solicitou a separação judicialmente foi a mulher. Estudo desenvolvido por Féres-Carneiro (2003) também identificou que o desejo e decisão de separação são predominantemente femininos, a autora pontua que as mulheres estão atentas à qualidade da relação amorosa, enquanto os homens à manutenção da família, mesmo que vivendo relações extraconjugais como uma forma de afirmar sua masculinidade. Esse dado pode ser um fator que gere na mulher sentimento de culpa e responsabilidade pelo fim do casamento (Féres-Carneiro, 2003).

Aspectos históricos e sócio-culturais reafirmam a mulher como responsável por manter as relações de intimidade, pelo cuidado dos outros. O seu *status* social até a primeira metade do século XX era definido pela presença de um homem em sua vida, primeiro o pai, depois o marido (McGoldrick, 2001). A luta pela igualdade de gênero, a participação feminina em diversas esferas da sociedade, sua saída da reclusão ao espaço doméstico, representaram profundas mudanças no papel social da mulher, no entanto, nas relações de intimidade apesar da mudança de postura, da busca por relações amorosas satisfatórias, ainda persiste o ranso cultural da culpa e da responsabilidade.

Esse fato pode ser verificado em algumas narrativas de estratégias de *coping*, algumas mulheres informaram respostas de aproximação emocional, identificadas como estratégias de autoconfiança, são atitudes de regulação emocional principalmente através do diálogo, da conversa. Atitudes como essas visam a tentativa de manter o casamento, sentindo-se responsável por esse ajustamento.

A duração média do casamento segundo Cano, Moré, Gabarra e Crepaldi (2009) é de 10,5 anos e a idade dos sujeitos no momento da separação é maior que 30 anos. A média do tempo de casamento para a população estudada foi de 11,6 anos (DP=7,576), contudo observou-se a dispersão citada pelos autores, representada pela variação de 1 a 30 anos, indica que a decisão para o divórcio pode ocorrer em qualquer fase do ciclo vital familiar.

O tempo médio que caracteriza a amostra estudada, 11,6 anos, corresponde à segunda fase do ciclo vital familiar, “Fase Adolescente” (Cervený & Berthoud, 2002), a maioria dos sujeitos (54,2%) está dentro do intervalo “8 a 21 anos” de casamento, as autoras definem que nessa fase a família reavalia os seus padrões relacionais, a transição para adolescência dos filhos pode requerer dos pais mudanças estratégicas para lidar com as demandas da prole, renegociar regras e valores familiares, pode ser uma fase de mudança na carreira e nas atividades profissionais dos pais que estão entrando na fase adulta madura. Estudo desenvolvido por Zordan, Wagner e Mosmann (2010) também observou o predomínio de separações nesse mesmo período de tempo de casamento 8 a 21 anos (49,3%), seguido pelo período de 0 a 7 anos (29,6%).

O estudo em tela indica que nessa segunda fase, “8 a 21 anos” de casamento, a insatisfação do casal, ou de um dos cônjuges, em relação às principais dificuldades relacionais atinge um ponto de saturação e que diante da incapacidade de manejar os conflitos, a decisão de divórcio surge como possibilidade de reestruturar a família em busca de qualidade de vida. Os resultados apontados por essa pesquisa permitem sinalizar que as narrativas sobre a caracterização do momento atual, após a decisão de divórcio, é de desafio e crescimento.

A traição, as dificuldades financeiras e o uso de álcool e outras drogas são as dificuldades mais frequentes narradas pelos entrevistados. Estudo realizado por Féres-Carneiro (2003) identificou a traição masculina como mais frequente do que a feminina, verificou que esse fato é motivador para o desejo de separação das mulheres, nesse mesmo estudo a autora verificou que apenas as mulheres demonstram culpa pela traição, os homens a entendem como afirmação de sua masculinidade ou como um evento de menor importância. O estudo tornou possível verificar que mesmo quando narrada pelo homem a traição é predominantemente masculina.

As dificuldades no casamento mais frequentes narradas pelas mulheres foram as dificuldades financeiras e a traição, enquanto para os homens foi a traição (dele mesmo), ciúmes e a distância. A pesquisa sinaliza que o fator econômico é fundamental para a saúde nas relações familiares, mas que ele não está isolado, a dinâmica relacional é multideterminada com diferentes aspectos interferindo mutuamente.

O comportamento masculino quanto a experiência sexual fora do casamento tem sido um complicador para a relação conjugal, as mulheres não aceitam essa situação, os homens narraram com certa frequência o ciúme da esposa como principal dificuldade: “(...) ela era muito ciumenta, muito nervosa, por qualquer coisa se estressava (...) trabalhava (ele) muito e às vezes saía com os amigos e chegava de manhã e ela não gostava” (Pedro, 32 anos).

As diferenças de gênero têm sido um aspecto fundamental para o estudo das relações familiares, principalmente, quando o recorte é a conjugalidade ou a parentalidade (Carter & MacGoldrick, 2001, Féres-Carneiro, 2003; Grzybowski & Wagner, 2010; Brito, Cardoso, Oliveira, 2010).

A atitude frente às dificuldades mais narradas pelos homens foi de acomodação, enquanto as mulheres foram em busca de apoio. O que sinaliza a importância das redes sociais de pertencimento (família, amigos) e de assistência (religião). O suporte de origem técnica e institucional não apareceu nas narrativas dos sujeitos, salvo em alguns casos de violência em que o entrevistado precisou recorrer à delegacia e num dos casos em que a entrevistada informou que iniciou um quadro de adoecimento mental (depressão) desencadeado pelos conflitos conjugais e necessitou fazer tratamento psiquiátrico.

Quanto à reação dos filhos, as narrativas mais frequentes das mulheres foram a observação na melhora do comportamento dos filhos, falta do pai, tristeza; enquanto os homens não observaram nenhuma mudança ou acham que os filhos ficaram tristes. A maioria das mulheres e homens narrou que os filhos percebiam as dificuldades entre o casal, seguidas por falas que revelam a preocupação do casal para os filhos não perceberem as dificuldades, resguardando-os de brigas e conflitos. Contudo, a pesquisa indica a dificuldade de viver a conjugalidade e a parentalidade de modo distinto. Os conflitos que atingem o casal alcançam, na maioria das vezes, os filhos.

Verificou-se que a maioria de homens e mulheres narraram que a comunicação atual, após a separação, não existe. Esta situação sinaliza a dificuldade de manter a comunicação diante dos conflitos que persistem no silêncio. A decisão de separação não é sinônimo de elaboração de conflitos, o que pode de algum modo, dificultar o exercício da maternidade e paternidade após a separação. Em pesquisa desenvolvida por Brito, Cardoso e Oliveira (2010) com grupos de pais e mães separados foi identificado que o principal tema a ser trabalhado era a distinção entre os aspectos da relação de ex-cônjuges casal parental. As referidas autoras sinalizam narrativas que expressam o fato da separação não resolver os conflitos, senão de apenas mudar o foco da disputa conjugal para a disputa pelos filhos.

A pesquisa mostra que a guarda materna é a narrativa mais frequente em homens e mulheres, reafirmando o modelo histórico e cultural que mantém os pais numa posição periférica e as mães como legítimas provedoras de afeto e cuidado para o desenvolvimento dos filhos, aos pais cabem visitas quinzenais e pagamento de pensão para a prole. Os próprios homens entrevistados legitimam esse modelo afirmando a predominância de guarda materna.

Considerações finais

O estudo mostra diferenças de gênero em relação às respostas de *coping*, os homens da população estudada apresentaram respostas de “acomodação” que se referem à auto distração e minimização dos conflitos, enquanto as mulheres narraram respostas de busca de apoio (familiar, social ou espiritual).

As respostas de “acomodação” em relação a auto distração sinalizam o comportamento de distanciamento do cenário de conflitos no espaço doméstico, o que pode ter relação com a reclamação predominante masculina dos ciúmes da esposa.

As mulheres acessam com mais facilidade as redes de pertencimento, pedem apoio. A população feminina do estudo mostra que a traição é o principal motivo de separação, e que a decisão e desejo de separação é predominantemente dela, como já verificado em outros estudos (Féres – Carneiro, 2003; Cano et al, 2009).

A pesquisa tornou possível perceber que o enfrentamento das dificuldades conjugais, cujo desfecho é a separação sem a elaboração de conflitos não representa, necessariamente, a solução para uma dinâmica familiar adoecida, disfuncional. Verificou-se que a intervenção do judiciário, através da Defensoria Pública, irá assegurar direitos como pensão, divisão de bens, regulamentação de guarda, mas que está distante de alcançar a complexidade relacional que atravessa uma situação de divórcio.

As estratégias de *coping* indicam o modo como as pessoas reagem às adversidades, aos desafios do cotidiano de uma relação conjugal, contudo é necessário ir além reelaborando as dificuldades através de apoio especializado e, principalmente, criando espaços de reflexão para as questões de gênero que são sócio-historicamente construídas.

Por fim, percebeu-se que a decisão pelo divórcio na população estudada é uma atitude que mira o crescimento na família, é a aposta por relações mais saudáveis, por novas possibilidades, de reconstruir a vida, de desenvolvimento, mas também de desafio.

Referências

Brito, L. M. T.de; Cardoso, A.R.; Oliveira, J.D.G. de. (2010). Debates entre Pais e Mães Divorciados: Um Trabalho com Grupos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2010, 30 (4), 810-823.

Brito, L. M. T. (2007). Família Pós-Divórcio: a visão dos filhos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(1), 32-45.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Cano, D. S., Gabarra, L. M., Moré, C. O. & Crepaldi, M. A. (2009). As Transições Familiares do Divórcio ao Recasamento no Contexto Brasileiro. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 22(2), 214-222. Disponível em www.scielo.br/prc.

Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.

Carver, C. S., & Connor-Smith, J. (2010). Personality and Coping. *Annu Rev. Psychol*, 61(1), 679-704. Recuperado em fevereiro 4, 2013, disponível em <<http://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.psych.093008.100352>>. doi: 10.1146/ 093008.100352.

Cerveny, C.M.O. & Berthoud, C.M.E. (2002). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, n 11, vol.002. Universidade Federal do rio Grande do Sul.

Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: O Doloroso Processo de Dissolução da Conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374. Recuperado em março 29, 2012, disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000300003&script=sci_arttext>. doi: 10.1590/S1413-294X2003000300003

Fontanella, B. J. B., Luchesi, B. M., Saidel, M. G. B., Ricas, J., Turato E. R., & Melo, D. G. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cad. Saúde Pública*, 27(2), 389-394. Recuperado em junho 6, 2013, disponível em <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v27n2/20.pdf>>.

Grzybowski, L. S. & Wagner, A. (2010). O envolvimento parental após a separação/ divórcio. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 23(2), 189-198. Recuperado em outubro 14, 2013, disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722010000200011&script=sci_arttext>. doi: 10.1590/S0102-79722010000200011.

Kaslow, F.W. (1988). *Family Therapy Collections: Perspective and Retrospective*. Vol 25. Cambridge, New Jersey: Wolters Kluwer and Business.

Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2011). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas.

McGoldrick, M. (2001) As Mulheres e o ciclo de vida familiar. In: Carter, B. & McGoldrick, M. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para terapia familiar* (2a ed). Porto Alegre: Artes Médicas.

Peck, J. S., & Manocherian, J. (2001). O Divórcio nas Mudanças do Ciclo de vida familiar. In

Carter, B. & McGoldrick, M. *As mudanças no Ciclo de Vida familiar: uma estrutura para terapia familiar* (2a ed). Porto Alegre: Artes Médicas.

Skinner, E., Edge, K., Altman, J., & Sherwood, H. (2003). Searching for the structure of coping: A review and critique of category systems for classifying ways of coping. *Psychological Bulletin*, 129 (2), 216-269.

Sousa, A. M., & Brito, L. M. T. (2011). Síndrome da Alienação Parental: da Teoria Norte-Americana à nova Lei Brasileira. *Psicologia Ciência e Profissão*, 31(2), 268-283. Recuperado em agosto 22, 2013, disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932011000200006&script=sci_arttext>. doi: 10.1590/S1414-98932011000200006.

Wagner, A.; Mosmann, C.P. Educar para a conjugalidade: que a vida não nos separe. In: Osório, L.C.; Valle, M.E.P. de. *Manual de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Zordan, E. P., Wagner, A., & Mosmann, C. (2012). O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: uma análise das demandas judiciais. *Psico-USF*, Bragança Paulista, 17(2), 185-194. Recuperado em outubro 25, 2013, disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712012000200002>.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa tornou possível compreender os aspectos sociodemográficos, do casamento e do divórcio estão relacionados à ocorrência de estresse na população estudada. O gênero, a idade do filho mais velho e a situação no mercado de trabalho foram fatores diretamente relacionados à ocorrência de estresse. Além destes, a comunicação entre os ex-conjuges, os acordos em relação à co-parentalidade (a guarda) e o tempo de separação aparecem como fatores que também interferem na ocorrência de estresse.

Verificou-se que os aspectos estudados fazem parte de uma teia relacional complexa. Delineando o caráter sistêmico e multideterminado dos acontecimentos vividos no cenário afetivo, em que os envolvidos fazem escolhas e arranjos relacionais.

O fato da maioria dos sujeitos apresentar sintomatologia predominantemente psicológica e estar na fase de resistência ao estresse demonstra que estão num momento de busca da homeostase interna, do equilíbrio psicofisiológico. Nesta fase os sintomas de natureza psicológica observados são: o aumento da motivação, entusiasmo súbito, vontade súbita de iniciar novos projetos, descritos no ISSL (Lipp, 2000).

O estudo sinaliza que as diferenças de gênero influenciam significativamente na dinâmica relacional e funcional da conjugalidade e da parentalidade. Este aspecto foi observado nas principais dificuldades do casamento, indicando que as mulheres não aceitam viver uma relação amorosa insatisfatória e que não aceitam, principalmente, a traição do esposo citada como motivo de desfecho da maioria dos casamentos. Os homens por outro lado se citam como estressores da relação os ciúmes das esposas, as dificuldades financeiras e a distância afetiva.

A pesquisa mostra diferenças de gênero em relação às respostas de *coping*, os homens da população estudada apresentaram respostas de “acomodação” que se referem à auto distração e minimização dos conflitos, enquanto as mulheres narraram respostas de busca de apoio (familiar, social ou espiritual).

As respostas de “acomodação” em relação a auto distração sinalizam o comportamento de distanciamento do cenário de conflitos no espaço doméstico, o que pode ter relação com a reclamação predominante masculina dos ciúmes da esposa. Já as mulheres acessam com mais facilidade as redes de pertencimento, pedem apoio à família, aos amigos e à igreja.

Por outro lado, a pesquisa também possibilitou perceber que a insatisfação do casal, ou de um dos cônjuges, em relação às principais dificuldades relacionais atinge um ponto de

saturação e que diante da incapacidade de manejar os conflitos, a decisão de divórcio surge como possibilidade de reestruturar a família de um modo mais saudável. Os resultados apontados por essa pesquisa permitem sinalizar que as narrativas sobre a caracterização do momento atual, após a decisão de divórcio, é de desafio e crescimento, isso significa que a população estudada percebe o divórcio como uma atitude que visa o amadurecimento da família, é a aposta por relações mais saudáveis, pela possibilidade de reconstruir a vida, de desenvolvimento, mas também de desafio.

Portanto, a pesquisa mostra que é necessário investir em serviços de suporte e orientação especializada após o divórcio, como, por exemplo, na mediação de conflitos familiares. Mas, principalmente, tornou possível perceber que são necessárias medidas preventivas cuja eficácia tem sido observada em outros países, nos chamados programas de educação conjugal, que auxiliam a prevenção de agravos relacionais mais sérios que prejudicam a saúde física e psicológica dos envolvidos e o exercício saudável da parentalidade, tão importante para o desenvolvimento dos filhos.

A conclusão desse estudo abre um leque de possibilidades, dentre essas destaca-se as questões relacionadas as diferenças de gênero que permearam todo esse estudo e que faz o convite para um aprofundamento maior, a fim de entender que tipos de reflexões são necessárias para melhorar a convivência durante a conjugalidade ou os acertos da parentalidade com uma divisão mais equitativa das funções requeridas pelos papéis materno e paterno, assim como da (re)construção das individualidades após a separação.

APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, abaixo assinado, autorizo a Universidade Tiradentes, por intermédio da mestrandia Tatiana Torres de Vasconcelos devidamente assistida pela sua orientadora Prof^a. Dr^a. Marлизete Maldonado Vargas, a desenvolver a pesquisa abaixo descrita:

1- Título do Experimento:

ESTRESSE E COPING EM DIVÓRCIOS COM GUARDA DA PROLE

2-Objetivo geral: Desenvolver estudo sobre como os adultos em situação de divórcio, assistidos pela Defensoria Pública do Estado de Sergipe, tem desenvolvido estratégias de enfrentamento de crise – coping e observar a presença de estresse entre os envolvidos.

3-Descrição de procedimentos: A coleta de dados consistirá na aplicação do F-COPES (Escala de avaliação Pessoal orientadas para crise em família), ISSL e entrevista semi – estruturada com gravação de voz com os adultos que estejam sendo assistidos pela Defensoria Pública do Estado e que se dispuserem espontaneamente a participarem da pesquisa.

4-Desconfortos e riscos esperados: não há riscos e desconfortos esperados.

5-Benefícios esperados: não há benefícios, a participação na pesquisa dar-se-á de forma livre, esclarecida e voluntária.

6-Informações: Os participantes têm a garantia que receberão respostas a qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. Também os pesquisadores supracitados assumem o compromisso de proporcionar informações atualizadas obtidas durante a realização do estudo.

7-Retirada do consentimento: O voluntário (a) tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, não acarretando nenhum dano ao voluntário.

8-Aspecto Legal: Elaborado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atende à Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde - Brasília – DF.

9-Confidencialidade: Os voluntários terão direito à privacidade. A identidade (nomes e sobrenomes) do participante não será divulgada. Porém os voluntários assinarão o termo de consentimento para que os resultados obtidos possam ser apresentados em congressos e publicações.

11-Quanto à indenização: Não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa, mesmo assim fica prevista indenização, caso se faça necessário.

ATENÇÃO: A participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em casos de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tiradentes. Av. Mutilo Dantas, 300 – Farolândia – CEP 49032-490, Aracaju-SE, 79-3218-2190, ramal 2553.

Aracaju, ____ de ____ de 2013.

ASSINATURA DO VOLUNTÁRIO

Apêndice II - ROTEIRO DE ENTREVISTA



Universidade Tiradentes
Programa De Pós-Graduação Mestrado em Saúde e Ambiente
Orientadora: Profª Drª Marlizete Maldonado Vargas
Mestranda Tatiana Torres de Vasconcelos
Pesquisa:
Divórcio e desenvolvimento humano: um estudo sistêmico sobre a saúde nas relações familiares

ROTEIRO DE ENTREVISTA¹

I. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS			
1. Sexo a. () masculino b. () feminino	2. Idade	3. Escolaridade: a. () EFI; b. () EFC; c. () EMI; d. () EMC e. () ESI; f. () ESC; g. () outra _____	5. Profissão: 6. Situação no mercado de trabalho: a. () carteira assinada; b. () autônomo; c. () serviços esporádicos; d. () desempregado;
4. Bairro:			
7. Renda Familiar: a. () até 1 salário; b. () 1-2 salários; c. () 2-3 salários; d. () mais que 3 salários;			
8. De quem é a renda principal (profissão):			
9. Como ficará a questão sócio-econômica?			
10. Tipo de moradia: a. () própria; b. () alugada; c. () cedida; d. () parentes. Quais?			
II. DADOS SOBRE O CASAMENTO			
1. Tipo de união:	2. Tempo de união:	3. Características do arranjo familiar (1ª, 2ª... união):	
4. A relação do casal era: a. () amorosa b. () Acomodada; c. () Desrespeitosa; d. () amigável; e. () fria e distante f. () violenta			
5. Houve mudança na relação durante o relacionamento? Qual motivo? Em que momento?			
6. Durante o casamento vieram morar parentes ou outros com o casal? Em que momento? Esse fato alterou a dinâmica da relação conjugal?			
7. Idades dos filhos da relação:		8. Tem filhos de outra relação que viviam com o ex-casal? a. () sim b. () não Idades: _____	
9. Na relação durante o casamento existia: a. () diálogo constante; b. () diálogo difícil; c. () falta de diálogo			
10. Funções parentais até o momento da separação: <i>* até 3 respostas.</i>			
a. Mãe	1. Cuidar da educação dos filhos		
b. Pai	2. Ser responsável pelo sustento econômico;		
c. Outros (quais?)	3. Dar carinho		
	4. Ser conselheiro		
	5. Ser companheiro		
	6. Lazer dos filhos		
7. Cuidados rotineiros (higiene, sono, alimentação)			

¹ Roteiro adaptado do formulário de pesquisa sobre o Perfil da Família Paulista (CERVENY, C. M. O; BERTHOUD, C.M.E. Família e Ciclo Vital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997).

10. Quais foram as principais dificuldades enfrentadas pelo casal?

11. Como você reagia a essas dificuldades?

III DADOS SOBRE O DIVÓRCIO

1. Tempo de separação (ainda convivem?)	2. Quais foram os principais motivos da separação:	3. Tipo Divórcio:

4. Qualidade da relação atual:

5. Comunicação com o ex-conjuge: a () diálogo constante; b () diálogo difícil; c () falta de diálogo

6. Funções parentais após o momento da separação: ** até 3 respostas.*

a. Mãe	1. Cuidar da educação dos filhos
b. Pai	2. Ser responsável pelo sustento econômico;
c. Outros (quais?)	3. Dar carinho
	4. Ser conselheiro
	5. Ser companheiro
	6. Lazer dos filhos
	7. Cuidados rotineiros (higiene, sono, alimentação)

7. Como você define esse momento de sua vida e quais as suas estratégias, atitudes?

8. Em sua opinião como os filhos percebiam o casamento?

9. Como os filhos têm reagido ao divórcio?

10. Como ficará a questão da guarda dos filhos?

IV PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA PROCURADOS

1 Vocês chegaram a buscar ajuda em outro lugar antes de vir à Defensoria? Qual?

2. Quais os motivos o/a levaram a buscar ajuda/apoio?

3. Como você avalia o atendimento recebido?

Observações:

ANEXO III - PARECER CEP

Parecer Consubstanciado de Projeto de Pesquisa

Título do Projeto: Conflitos familiares no processo de divórcio: enfrentamento de questões quanto à guarda da prole

Pesquisador Responsável : Marлизete Maldonado Vargas

Data da Versão 14/05/2012

Cadastro 110512

Data do Parecer 31/05/2012

Grupo e Área Temática III - Projeto fora das áreas temáticas especiais

Objetivos do Projeto

GERAL

Conhecer e discutir acerca dos tipos e gerenciamento de conflitos que casais em situação de divórcio, assistidos pela Defensoria Pública do Estado de Sergipe, tem adotado em relação à guarda da prole

ESPECÍFICOS

- I- Analisar as publicações, dissertações, teses e documentos que tratam de temas relacionados à família, ao desenvolvimento humano, à questão do divórcio, da guarda da prole e de ferramentas de intervenção e conflitos na família, nos últimos cinco anos;
- II- Verificar os índices de estratégias de coping entre casais em processo de divórcio assistidos pela Defensoria Pública de Sergipe;
- III- Analisar a correlação entre gerenciamento da guarda da prole e as estratégias de coping, entre os casais em processo de divórcio;
- IV- Verificar a relação entre fatores de risco e proteção para o saudável desenvolvimento das relações parentais entre casais em processo de divórcio;
- V- Identificar programas e/ou serviços de apoio às famílias em situação de divórcio no Estado de Sergipe;

Sumário do Projeto

A dissolução da conjugalidade costuma ser um processo doloroso no ciclo vital familiar, que envolve um período de reconstrução das individualidades e das relações parentais. A crise e o estresse familiares vividos antes e durante o processo de divórcio, em muitos casos, continuam mesmo após o fim do casamento afetando a saúde e o desenvolvimento da prole. O objetivo desta pesquisa é analisar as implicações dos conflitos familiares vividos durante o divórcio e o gerenciamento da guarda dos filhos entre as famílias assistidas pela Defensoria Pública de Sergipe. Pretende-se discutir do ponto de vista técnico e científico a prevenção de agravos e promoção de saúde da família, principalmente do desenvolvimento saudável da prole. O desenvolvimento humano será tratado de acordo com o modelo bioecológico total em que o mesmo ocorre. A pesquisa será quali - quantitativa, com aplicação de escalas de avaliação pessoal orientadas para crise em família - F-COPES, para verificar as estratégias de coping dos sujeitos envolvidos, passo seguinte será realizada entrevista semi-estruturada, para verificar as estratégias de gerenciamento da guarda dos filhos das famílias em situação de divórcio assistidas pela Defensoria Pública de Sergipe no período Agosto/ 2012 a Março/ 2013, partindo-se da hipótese inicial de que quanto mais elevado o índice de coping, menores serão os conflitos em relação à guarda da prole. A coleta de dados dar-se-á com casais, 80 sujeitos, no período inicial do divórcio e que envolva guarda da prole, nas instalações da Defensoria, assegurando padrões de ambiência que respeitem o caráter sigiloso das informações prestadas e o anonimato dos sujeitos que concordarem em participar assinando o termo de consentimento livre e esclarecido. Para análise dos dados serão utilizadas a técnica de análise do conteúdo e a perspectiva sistêmica da Rede de Significações. Pretende-se, portanto, produzir reflexões, a fim de propor ferramentas de intervenção adequadas ao manejo de conflitos intrafamiliares comprometidas com a promoção de saúde.

Itens Metodológicos e Éticos	Situação
Título	Adequado
Autores	Adequados

Página 1-2

Universidade Tiradentes - UNIT
Prof.^a Adriana Karla de Lima
Comitê de Ética em Pesquisa
Coordenadora

Local de Origem na Instituição	Adequado
Projeto elaborado por patrocinador	Não
Aprovação no país de origem	Não necessita
Local de Realização	Outro (citar no comentário)
Outras instituições envolvidas	Sim
Condições para realização	Adequadas

Comentários sobre os itens de Identificação

Introdução	Comentário
------------	------------

Comentários sobre a Introdução

Introdução e desenvolvimento teóricos adequados.

Objetivos	Comentário
-----------	------------

Comentários sobre os Objetivos

O objetivo escrito no resumo não tem a mesma redação do projeto, podendo gerar dúvidas. Sugere-se adotar a mesma redação para todos os enunciados dos objetivos.

Pacientes e Métodos	
Delimitação	Comentário
Tamanho de amostra	Total 80 Local 80
Cálculo do tamanho da amostra	Adequado
Participantes pertencentes a grupos especiais	Não
Seleção equitativa dos indivíduos participantes	Ausente
Crerios de inclusão e exclusão	Adequados
Relação risco-benefício	Adequada
Uso de placebo	Não utiliza
Período de suspensão de uso de drogas (wash out)	Não utiliza
Monitoramento da segurança e dados	Adequado
Avaliação dos dados	Adequada - quantitativa
Privacidade e confidencialidade	Adequada
Termo de Consentimento	Adequado
Adequação as Normas e Diretrizes	Sim

Comentários sobre os itens de Pacientes e Métodos

O trabalho envolve procedimentos elaborados, porém por se tratar de uma dissertação de mestrado considero adequado.

Cronograma	Comentário
Data de início prevista	a partir da aprovação do Cep
Data de término prevista	18m depois
Orçamento	Adequado
Fonte de financiamento externa	Patrocínio privado

Comentários sobre o Cronograma e o Orçamento

Referências Bibliográficas	Adequadas
----------------------------	-----------

Comentários sobre as Referências Bibliográficas

Recomendação

Aprovar

Comentários Gerais sobre o Projeto

Pesquisa adequada a um mestrado acadêmico. E atende os requisitos da resolução CNS 196/96.

Universidade Tralentes - UNIT
Prof. Adriana Rute de Lima
Comité de Ética em Pesquisa
Coordenadora

Página 2-2

ANEXO IV - NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DA REVISTA ESTUDOS DE PSICOLOGIA PUC/CAMPINAS

ISSN 0103-166X versão impressa
ISSN 1982-0275 versão online

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Introdução

Estudos de Psicologia é uma revista científica trimestral (ISSN: 0103-166X), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (home page da revista: <http://www.scielo.br/estpsi>). A Revista foi fundada em 1983 e, atualmente, está classificada como A2 na lista Qualis/Capes. É indexada nas seguintes bases de dados nacionais e internacionais: SciELO, Lilacs, PsycINFO, Latindex, Clase, Index Psi.

Estudos de Psicologia incentiva contribuições da comunidade científica nacional e internacional, e é distribuída a leitores de todo o Brasil e de vários outros países. Todos os artigos devem ser submetidos de forma eletrônica pela página <<http://www.scielo.br/estpsi>>.

Tipos de trabalhos aceitos pela revista Estudos de Psicologia

Aceitam-se trabalhos originais de pesquisa, em qualquer área da Psicologia, com objetivo de promover e divulgar o conhecimento científico, bem como discutir o significado de práticas, tanto no campo profissional, como no da pesquisa em Psicologia. Antes do envio do manuscrito para avaliação dos consultores ad hoc ele é submetido à pré-análise pelo Conselho Editorial. As seguintes categorias de trabalhos são aceitas para publicação:

- Relato de pesquisa: artigos originais baseados em dados empíricos. Estes artigos consistem das seguintes seções: introdução, método, resultados e discussão.
- Artigo teórico: revisão crítica da literatura sobre temas pertinentes à Psicologia, levando ao questionamento de modelos existentes e à elaboração de hipóteses para futuras pesquisas.
- Artigo de Revisão Sistemática da literatura: apresenta síntese de resultados de estudos originais, quantitativos ou qualitativos, respondendo a alguma pergunta específica e de relevância para a área da Psicologia. Descreve o processo de busca dos estudos originais, os critérios utilizados para seleção daqueles que foram incluídos na revisão e os procedimentos empregados na síntese dos resultados obtidos pelos estudos revisados.
- Estudo de Caso: relatos de trabalhos feitos com indivíduos, grupos ou organizações indicando um problema e uma maneira de solucioná-lo, baseando-se na literatura.
- Resenha: apresentação e análise crítica de livro publicado na área há, no máximo, 1 ano anterior a submissão.

Todos estes tipos de artigos deverão apresentar no máximo vinte e cinco laudas, incluindo tabelas, figuras, quadros e referências. A contagem de páginas começa pela página de rosto, numerada como página 1. O manuscrito que se enquadra nas categorias acima será submetido à pré-análise da Comissão Editorial.

Parecer do comitê de ética

Resultados de pesquisas relacionadas a seres humanos devem ser acompanhados de cópia de aprovação do parecer de um Comitê de Ética em pesquisa. Além disso, deverá constar, no último parágrafo do item Método, o número do protocolo e data de aprovação do Comitê de Ética.

Apreciação pelo conselho editorial

Os originais serão aceitos para avaliação desde que não tenham sido publicados anteriormente e que venham acompanhados de carta de encaminhamento, assinada pelos autores do trabalho, solicitando publicação na Revista.

O processo editorial só terá início se os manuscritos encaminhados obedecerem às condições das Instruções. Caso contrário, serão devolvidos para adequação às normas, inclusão de carta ou outros documentos, antes mesmo de serem submetidos à pré-análise da Comissão Editorial e à posterior avaliação de mérito do trabalho pelos revisores ad hoc.

Ao passar pela etapa de pré-análise, pode-se ter como desfecho:

ANEXO V – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO ARTIGO



[PÁGINA INICIAL](#) [SOBRE](#) [PÁGINA DO USUÁRIO](#)

[Página inicial](#) > [Usuário](#) > [Autor](#) > **Submissões Ativas**

Submissões Ativas

ATIVO **ARQUIVO**

ID	MM-DD ENVIADO	SEÇÃO	AUTORES	TÍTULO	SITUAÇÃO
ESTPSI-363	02-11	ORI	Vasconcelos	FATORES RELACIONADOS AO ESTRESSE EM DIVÓRCIOS ENVOLVENDO...	Aguardando designação

1 a 1 de 1 itens

Iniciar nova submissão

[CLIQUE AQUI](#) para iniciar os cinco passos do processo de submissão.

USUÁRIO
Logado como:
tati_tv
[Meus periódicos](#)
[Perfil](#)
[Sair do sistema](#)

AUTOR
Submissões
[Ativo \(1\)](#)
[Arquivo \(0\)](#)
[Nova submissão](#)

IDIOMA

Português (Brasil) ▼

Núcleo de Editoração - SBI

Av. John Boyd Dunlop, s/n., Prédio de Odontologia, Jd. Ipaussurama, 13060-904, Campinas, SP, Brasil.

Fones: (55 19) 3343-6859/6876 Fone/Fax: (55 19) 3343-6875

E-mail: sbi.estudosdepsicologiapuc@puc-campinas.edu.br

Captura de tela adicionada
Uma captura de tela foi adicionada ao seu Dropbox.



16:36
11/02/2014